

TARGELIA DE SOUZA ALBUQUERQUE  
SÉPHORA FREITAS  
RONILDO OLIVEIRA

# JUNTAS, JUNTES e JUNTOS VAMOS CONSTRUIR A ESCOLA PÚBLICA DEMOCRÁTICA



CENTRO  
**PAULO FREIRE**  
ESTUDOS & PESQUISAS  
PERNAMBUCO BRASIL



**SINPROJA**  
Síndico das Trabalhadoras em Educação do Estado de Pernambuco  
FILIADO À CEE CUT

**“Precisamos contribuir para criar a escola  
que é aventura, que marcha, que não tem medo  
do risco, por isso recusa o imobilismo.  
A escola em que se pensa, em que se cria,  
em que se fala, em que se adivinha,  
a escola que apaixonadamente diz sim à vida.”**

**Paulo Freire**

TARGELIA DE SOUZA ALBUQUERQUE  
SÉPHORA FREITAS  
RONILDO OLIVEIRA

**JUNTAS, JUNTES e JUNTOS**  
VAMOS CONSTRUIR A  
ESCOLA PÚBLICA DEMOCRÁTICA



## EXPEDIENTE

Targélia Albuquerque

**Autora**

Séphora Freitas

**Coautora**

Ronildo Oliveira

**Coautor**

Nelino Azevedo

**Prefácio I**

Isaac Assunção

**Prefácio II**

Marcelo Figueirêdo

**Ilustração**

Correia Gráfica, Editora e Malharia

**Diagramação**

Bete Meira

**Revisora**

Henrique Lima

**Jornalista DRT/PE 6239**

Alesandro Vitor

**Fotógrafo**



**PRESIDÊNCIA, DIRETORIAS E CONSELHOS**  
**CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS**

Maria Erivalda dos Santos Torres  
Presidenta

Séphora Marinho de Freitas  
Diretora Administrativa

Maria Aparecida Vieira de Melo  
Diretora Pedagógica

Danielle Jaiane Silva  
Diretora Financeira

Cícera Maria do Nascimento  
Diretora de Comunicação

Nelino José Azevedo de Mendonça  
Conselho Fiscal

Ricardo Santos de Almeida  
Conselho Fiscal

Maria Joselma do Nascimento Franco  
Conselho Fiscal

Agostinho da Silva Rosas  
Conselho Consultivo

Anair Silva Lins e Melo  
Conselho Consultivo

Viviane de Bona  
Conselho Consultivo

## **CONSELHO EDITORIAL**

### **CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS**

|                                      |                                                                                                                                                                                                                 |
|--------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Agostinho da Silva<br>Rosas          | UPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas                                                                                                                                                                 |
| Ana Paula de Abreu<br>Costa de Moura | UFRJ e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas                                                                                                                                                                |
| Eliete Correia dos<br>Santos         | UEPB – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas                                                                                                                                                                |
| Ana Maria Saul                       | PUC/SP e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas                                                                                                                                                              |
| Inés María Fernández<br>Mouján       | Cátedra Paulo Freire, Universidad Nacional de Mar del Plata, Centro de Investigaciones y Estudios en Teoría Poscolonial, Universidad Nacional de Rosario, Argentina e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Joaquim Luís Medeiros<br>Alcoforado  | Universidade de Coimbra/Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas                                                                                                                                    |
| Luiza Cortesão                       | Professora Emérita da Universidade do Porto, Presidente do Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas                                                                       |
| Maria Aparecida Vieira<br>de Melo    | UFRN e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas                                                                                                                                                                |
| Maria Fernanda dos<br>Santos Alencar | UFPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas                                                                                                                                                                |
| Maria Erivalda dos<br>Santos Torres  | Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Universidade Federal de Pernambuco                                                                                                                                  |
| Mírian Patrícia Burgos               | Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Instituto Paulo Freire de Portugal                                                                                                                                  |
| Ricardo Santos de<br>Almeida         | Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas                                                                                                                                                                       |

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Albuquerque, Targelia de Souza

Juntas, juntas e juntos vamos construir a escola pública democrática [livro eletrônico] / Targelia de Souza Albuquerque, Séphora Freitas, Ronildo Oliveira ; [ilustração Marcelo Figueirêdo.] -- Recife, PE : Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas, 2025.

PDF

ISBN 978-65-87824-39-0

1. Educação 2. Ensino - Métodos
3. Freire, Paulo, 1921-1997 - Influência
4. Professores - Formação profissional I. Título.

25-298583.0

CDD-370.1934

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Educação : Aspectos socioculturais : Sociologia educacional 370.1934

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

# ÀS PROFESSORAS E AOS PROFESSORES DE JABOATÃO DOS GUARARAPES

UM POEMA PARA QUEM GOSTA DE GENTE,  
DA ESCOLA.

*Targelia de Souza Albuquerque*



Gente escuta os gemidos da mãe terra,  
Gente reconhece no outro  
Um ser humano que tem  
Vocação ontológica para SER MAIS.  
Gente se sabe incompleta,  
Inconclusa e inacabada.  
Gente triste,  
Gente alegre,  
Gente aprende em comunhão.  
Gente enxerga a outra pessoa  
Como gente.  
Pratica a ética universal do ser humano,  
Problematiza e aprende  
A criticar a realidade e suas ações.  
É radicalmente contra qualquer  
Forma de preconceito e discriminação.  
Gente gosta de gente.  
Reconhece seu direito de amar e ser amada,  
De ouvir,  
Pronunciar a sua palavra,  
De dialogar.  
Gente que ensina,  
Gente que aprende,  
Gente que recua, resiste,  
Participa do bom combate,  
Avança na luta.  
Gente que defende a escola  
Como espaço coletivo  
De construção do seu projeto político-pedagógico.  
Escola feita de gente, de muita gente,  
Onde as diversidades se encontram e se respeitam.  
Escola com gente alegre,  
determinada, participativa.  
Escola de gente com coragem de ser gente  
E de ter vigilância ética

Para coibir qualquer transgressão  
Da ética universal do ser humano.  
Escola que trabalha incansavelmente  
Para apreensão e apropriação  
crítica do conhecimento,  
Por um currículo emancipador.  
Escola democrática antirracista  
Para todas as gentes.  
Gente bonita  
Porque é gente.  
Gente que tem direitos e deveres  
Porque é gente.  
Gente que não solta a mão de ninguém.  
Discentes e docentes,  
educandos(as), educadores(as).  
Somos gente que gosta de gente.  
Juntas, juntos, juntos

**SOMOS MAIS FORTES  
SOMOS MAIS GENTE  
SOMOS ESCOLA QUE EDUCA GENTE.  
SONHAMOS E  
REALIZAMOS COM PAULO FREIRE.**

**Jaboatão dos Guararapes/2025.  
Targelia de Souza Albuquerque**



# Índice

|                                                  |    |
|--------------------------------------------------|----|
| Sobre os autores                                 |    |
| Targelia Albuquerque .....                       | 8  |
| Séphora Freitas .....                            | 11 |
| Ronildo Oliveira .....                           | 12 |
| Direção Sindical .....                           | 13 |
| SINPROJA .....                                   | 14 |
| APRESENTAÇÃO .....                               | 20 |
| PREFÁCIO I                                       |    |
| Nelino Azevedo .....                             | 29 |
| PREFÁCIO II                                      |    |
| Isaac Assunção .....                             | 34 |
| PARTE I                                          |    |
| UMA TELA CRÍTICA PARA LEITURA DA REALIDADE ..... | 39 |
| PARTE II                                         |    |
| DIÁLOGOS PROMISSORES .....                       | 59 |
| PARTE III                                        |    |
| RELATOS INSTIGANTES E REFLEXÕES .....            | 74 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                       | 91 |
| REFERÊNCIAS .....                                | 93 |

## Sobre a autora

# Targelia Albuquerque

**T**argelia Ferreira Bezerra de Souza Albuquerque, Docente e Pesquisadora nas áreas de Currículo e Avaliação Educacional e da Aprendizagem, com doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tendo integrado grupos de pesquisa institucionais. Tem Mestrado na área de Educação brasileira e formação de professores pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com foco em estudos sobre as relações de poder na escola e prática pedagógica. Integrou grupo de pesquisa nacional sobre "Configurações de Pobreza" (Departamento de Ciências Sociais da PUC/RJ) e trabalhou na pesquisa sobre Cotidiano Escolar no Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade. É autora de várias obras e artigos, em especial, no campo da avaliação educacional e da aprendizagem. Entre vários autores, estuda as obras de Paulo Freire com criticidade, refazendo caminhos e recriando práticas em prol da escola substantivamente democrática. Durante a sua



caminhada como professora adjunta da UFPE procurou integrar e desenvolver projetos interdisciplinares e interinstitucionais, articulando ensino, pesquisa e extensão. É Sócia formadora e membro da Cátedra Paulo Freire da UFPE. É professora formadora do Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas, com destaque à atuação na comissão organizadora dos Colóquios Internacionais Paulo Freire, em que também participa como palestrante em mesas de diálogo, Oficinas e na produção coletiva de artigos para apresentação nos círculos de Cultura e periódicos. Integra o grupo de Pesquisa em EJA em espaços de Privação de Liberdade: UFPE/Universidade de Coimbra. Tem experiência na área de Educação desde 1968, tendo trabalhado como docente nos diferentes níveis de ensino: da educação infantil ao ensino superior. Procura investir em estudos e pesquisas científicos(as), mantendo "os pés no chão da escola" numa perspectiva de totalidade social. É apaixonada pela docência, pela escola e procura demonstrar o seu compromisso com a educação/escola para a qualidade social. Assume os princípios da Ética da Libertação (DUSSEL) e da Ética Universal do Ser Humano (FREIRE). Procura investir em processos de orientação de monografias de cursos de especialização por defendê-las como espaço de formação crítica de docentes e gestores, com impactos na aprendizagem dos estudantes e melhoria da qualidade da escola. Reconhece que a orientação de dissertação de mestrado e tese de doutorado são processos dialógicos de aprendizagem coletiva, de atualização e aprofundamento científicos, por isso tem sido convidada a participar dessas bancas. Instrutora do Yoga Integral e Reikiana. É pesquisadora na área de educação em espaços de privação/restrrição de liberdade com adolescentes e jovens do Sistema Socioeducativo. É Coordenadora e formadora do Projeto Passos para Autonomia, encontro do Yoga Integral e a Pedagogia Paulo



Freire, em parceria com o Centro Paulo Freire, Estudos e Pesquisas, a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco e a FUNASE. Autora de Várias Obras e capítulos de livros relacionados à vida, obra e práxis freireanas. Também é autora de livros infantojuvenis com base na biografia de Paulo Freire e os princípios da sua Pedagogia, destacando-se a obra publicada pela Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, denominada Com os pés nos quintais e os olhos no mundo: um menino chamado Paulo Freire.

## Sobre a coautora

# Séphora Freitas

**S**éphora Marinho de Freitas é licenciada em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru, com especialização em História de Pernambuco pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora aposentada da Rede Estadual de Pernambuco, foi diretora do SINTEPE por quatro mandatos. Atualmente, é professora da Rede Municipal de Jaboatão dos Guararapes e está em seu



terceiro mandato como dirigente do Sindicato dos(as) Trabalhadores(as) em Educação do Município de Jaboatão dos Guararapes – SINPROJA, onde atua como presidenta. Também é vice-presidenta do Conselho Municipal de Educação de Jaboatão dos Guararapes e diretora administrativa do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas.

## Sobre o coautor

# Ronildo Oliveira

**R**onildo Oliveira do Nascimento é licenciado em Física pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com especializações em Educação Matemática pela mesma instituição e em Gestão Pública pela Faculdade Anchieta do Recife. Atualmente, cursa uma especialização em Ciências Políticas na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). É secretário adjunto da Confederação Nacional dos(as) Trabalhadores(as) em Educação (CNTE) e secretário de Comunicação do Sindicato dos(as) Trabalhadores(as) em Educação do Jaboatão dos Guararapes (SINPROJA), entidade que presidiu por quatro mandatos, em dois períodos distintos. Ronildo também integra o Conselho Municipal de Educação de Jaboatão dos Guararapes (CME/JG), co-mo conselheiro.





**Presidenta**  
**Séphora Freitas**

**Vice-Presidente**  
**Marcelo Galdino**

**Secretaria Geral**  
**Ana Melo**  
**Jacqueline Sobral**

**Finanças**  
**José Bandeira**  
**Maristela Ângelo**

**Assuntos Educacionais e Culturais**  
**Ailton Rocha**

**Formação**  
**Dilson Marques**  
**Nilson Vellazquez**

**Imprensa e Comunicação**  
**Joselmo Santana**  
**Ronildo Oliveira**

**GOAAM**  
**Josafá Cavalcanti**

**Jurídico**  
**Mariana Maciel**

**Patrimônio e Filiação**  
**Iranadja Lima**  
**Rita de Cássia**

**Políticas Sociais**  
**Amanda Gondim**  
**Tamires Carneiro**

**Aposentadas(os) e**  
**Assuntos Previdenciários**  
**José Roberto**  
**Maviael Frazão**



### **1.1. UMA BREVE HISTÓRIA DO SINPROJA**

O SINPROJA é um sindicato unificado que representa professoras, professores e, também, o Grupo Ocupacional de Apoio Administrativo ao Magistério (GOAAM), que são os (as) demais profissionais da Educação (agentes de alimentação escolar, de infraestrutura, de administração, apoios, cuidadores e nutricionistas)..

A trajetória de lutas do SINPROJA teve início em 1984, quando ainda era Associação dos Professores de Jaboatão (APROJA) em um tumultuado momento da política local, marcado por intervenções no Município e demissões de professores (as), fatos que instigaram a reorganização política da categoria. Nessa época, destacaram-se nomes como Lúcia Mergulhão, Saul Campos, Elvira Amaral, Ricardo Barbosa (Barata), Elivan Santos, Prof. Edmo, Paulo Mendes, entre tantos outros.

Em 30 de março de 1993, através de uma assembleia histórica no demolido Clube Jaboatonense, a APROJA foi transformada em Sindicato dos Professores do Município de Jaboatão dos

Guararapes (SINPROJA). Posteriormente, com a unidade entre professoras (es) e funcionárias (os) da Educação na base da categoria, alcançada a partir do III Congresso em 05 de outubro de 1999, foi consolidado o formato que possui até hoje, de congregar todas (os) as (os) trabalhadoras (es) em Educação em sua base, tendo protagonismo sempre à frente do nosso tempo.

Uilson Macedo foi o primeiro presidente do SINPROJA, seguido por Iron Mendes, Ronildo Oliveira, Paulo Bezerra, Maristela Ângelo, Ronildo Oliveira novamente e Séphora Freitas (atual). Ao longo desses 32 anos, o SINPROJA organizou politicamente a categoria comandando passeatas, atos públicos, greves e ocupações vigorosas das ruas, praças e da prefeitura de Jaboatão dos Guararapes. De forma contundente, e destacada, participou ativamente da mobilização popular que derrubou o prefeito de desastrosa gestão em fevereiro de 99. Paralelamente a toda essa luta política, realizou inúmeras assembleias, organizou encontros, plenárias, seminários, debates, congressos e conferências. Sempre combatendo injustiças, preconceitos e lutando por um mundo justo e feliz.

## **1.2. AÇÕES REALIZADAS PELO SINPROJA**

O SINPROJA tem um legado de grandes conquistas, tais como: o Estatuto do Magistério, em 1995; Realização da I Conferência Municipal da Educação em 2000; Plano de Cargos e Carreira (PCC) dos Professores em 2002 e do Plano de Cargos, Carreira e Vencimentos dos Administrativos em 2008; a Lei do Piso. Durante a pandemia, nossa grande luta foi a defesa da vida conseguindo que

as (os) trabalhadoras (es) em Educação ficassem protegidas (os) em suas casas até o ciclo completo de imunização contra a COVID-19.

Filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT) e à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), o SINPROJA abraça e encaminha as deliberações nacionais, sendo protagonista nas lutas nacionais e locais contra a retirada de direitos da classe trabalhadora, contra o desmonte do serviço público e por uma Educação pública, democrática, laica, inclusiva e libertadora. O reconhecimento do nosso importante papel nos tem garantido assento na direção da CUT/PE e da CNTE, no Conselho Municipal de Educação de Jaboatão, no JABOATÃOOPREV, no CACS/FUNDEB, CONSEA, Cátedra Paulo Freire/UFPE, Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas, DIEESE e tantas outras entidades. Essa trajetória político-organizativa da categoria fez do SINPROJA uma referência política local, tornando-se parâmetro sindical no Município, em Pernambuco e no Brasil.

O SINPROJA tem se empenhado em aperfeiçoar a comunicação com sua base promovendo atividades informativas e formativas, como o curso de Formação sindical, o Seminário com o tema "A Educação como Direito Humano", realização da IV CONFERÊNCIA DE EDUCAÇÃO DO SINPROJA: por uma Educação humanizada, democrática e sustentável, bem como o III Seminário Escola Sem racismo, atividades que sempre contam com a participação de palestrantes renomados em nível local, nacional e internacional. Temos desenvolvido atividades virtuais, com audiência de longo alcance, a exemplo dos programas "Conversando com a Base",

“Sinproja em Ação”, “Jurídico em Foco”, “Sinproja Cast” entre outros que são realizados no Estúdio Paulo Freire, localizado em sua sede. Além da utilização de vários outros veículos de comunicação como as redes sociais, o Alô SINPROJA, jornais, revistas e boletins impressos. Herdeiro dos ideais educacionais de Paulo Freire, o SINPROJA sempre procurou atuar na difusão de seu pensamento em todos os fóruns de que participa.

No decorrer de sua história, o SINPROJA tem enfrentado o desafio de Campanhas Salariais acirradas, mas manteve a categoria coesa. Recentemente, garantimos conquistas inéditas como os notebooks e os precatórios do FUNDEF para o GOAAM, bem como a manutenção do reajuste na carreira para toda a categoria e a eleição direta para diretoras(es) das unidades educacionais, além do concurso público para o magistério e para cargos como auxiliar educacional: apoio pedagógico, auxiliar de educação infantil, cuidador(a) educacional e analista educacional, na função de nutricionista. No cotidiano, estamos resolvendo pendências judiciais e apoiando as escolas na busca de solução para os problemas estruturais. Zelamos pelo patrimônio sindical adquirido e ampliamos os bens da categoria. Adotamos a prática de transparência em relação aos recursos provenientes da contribuição mensal dos(as) associados(as), por meio de prestação de contas semestral para a categoria, demonstrando a saúde financeira da entidade. Estamos nas lutas educacionais e sociais, em âmbito nacional, porque sabemos da repercussão local. Temos as aposentadas e os aposentados em atividades culturais, a exemplo do “Nosso Coral”, e na construção de ações de resistência e luta. Estamos sempre alertas e na vigilância ética e crítica, pois



ampliamos a participação democrática para a luta sindical elegendo, em cada unidade educacional, sua representação de base. Também criamos os coletivos para defender os direitos das mulheres, combater a "LGBTQIA+ fobia" e o racismo estrutural e conjuntural. **Somos radicalmente contra qualquer forma de preconceito e discriminação**, como nos orienta Paulo Freire. Sem esquecer a importante iniciativa de criação do Fórum dos Sindicatos da Educação Básica de Pernambuco, o qual coordenamos pelos primeiros dois anos. Ressaltamos que a produção e distribuição deste livro também é uma ação de formação educacional, política e sindical. Sempre com a utopia de um mundo sem violência e de um povo feliz.

### **1.3. A LUTA COLETIVA CONTINUA, SUA PARTICIPAÇÃO É FUNDAMENTAL**

O SINPROJA desde sua origem foi composto por pessoas com consciência crítica e ação política solidária e democrática conforme o legado de Paulo Freire, o qual iniciou suas reflexões a partir do difícil cotidiano que enfrentou em sua juventude, justamente naquela cidade, passando a semear sementes de libertação tão necessárias na atualidade.

Freire afirmou que *"quando a Educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor."* Os grupos que dirigiram a entidade sempre trabalharam para que suas bases tomassem posição, para que a mudança social acontecesse e o povo fosse emancipado tendo a indignação como inspiração e mola propulsora do esperar em busca do sonho coletivo de libertação.

Após mais de três décadas de existência do SINPROJA, ressaltamos que a direção sindical tem perseverança e disposição para continuar construindo estratégias para a construção do inédito viável: **Uma Educação substantivamente democrática, que se concretize em cada escola e/ou espaço educativo de Jaboatão dos Guararapes. Este é o nosso sonho, o nosso projeto, a utopia que orienta a nossa caminhada. O amor que move a coragem, que move a luta e o esperar de uma Educação/escola substantivamente democrática, inclusiva e libertária como parte de um projeto maior de Brasil digno, fraterno e justo, em que a hegemonia da libertação tenha força para combater qualquer ideologia e quaisquer práticas transgressoras da ética universal do ser humano.**

*“Se muito vale o já feito, mais vale o que será.”*

*Milton Nascimento / Fernando Brant / Márcio Borges»*

**Direção SINPROJA**





## **UM LIVRO DE PRESENTE PARA QUEM FAZ A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE JABOATÃO DOS GUARARAPES**

A ideia deste livro nasceu em pleno movimento pela redemocratização do Brasil, no final da década de 1980, como diálogos vivos de resistência e de organização coletiva de um braço do Fórum em Defesa da Escola Pública- Cascavel/ Paraná, sob a forma de grupo reflexivo que se propunha a produzir um material escrito acessível a todas, todos e todes trabalhadores, trabalhadoras da Educação como base de formação política e construção de uma práxis emancipatória. Em 1991, a ASSOESTE/PR, editora comprometida com um projeto emancipatório de Brasil e consequentemente da Educação pública, apoiou a primeira edição do primeiro caderno pedagógico da Série "Pensando a Escola Democrática", a partir do texto original produzido pela professora Targelia de Souza Albuquerque, do quadro de docentes da FECIVEL/Cascavel/PR, hoje, instituição integrada à UNIOESTE- Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Essas ideias foram

amplamente divulgadas e socializadas em grupos de estudos com trabalhadoras e trabalhadores da Educação em diferentes espaços educativos, com a participação ativa de sindicatos, Fóruns e escolas da rede pública e particular, emancipatória da e na escola.

A cada edição, o texto-mãe foi sendo repensado, reconstruído por incontáveis mãos. Ele (re)nasceu, em 2024, a partir de uma proposta dialógica do SINPROJA com a professora Targelia de Souza Albuquerque após planejamento, desenvolvimento e avaliação do projeto “Paulo Freire na Escola”, projeto em parceria com o Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas (CPFREIRE), SINTEPE e SINPROJA, que mobilizou aproximadamente 5000 professores e professoras do litoral ao sertão de Pernambuco como protagonistas, em plena Pandemia do Corona Vírus -SARS COVID 19, durante o ano de 2021.

Nesse contexto, o SINPROJA pensou em presentear os professores e as professoras com algo especial que pudesse iluminar as suas trajetórias pessoais e profissionais nessa jornada tão desafiadora que é educar, ensinando e aprendendo no e com o diálogo amoroso e crítico-emancipatório. Assim nasceu a ideia da produção de um livro que colaborasse com a formação docente, para que todas, todos e todes trabalhadores da Educação, em especial professores e professoras de Jaboatão dos Guararapes, pudessem ousar e tornar práxis emancipatória o projeto de construção da escola pública substantivamente democrática. A ideia foi se expandindo e ganhou força no SINPROJA. Formamos uma equipe para a produção da obra: As professoras Targelia,

Séphora e o professor Ronildo. Colocamos as mãos na massa de conhecimentos à luz de Paulo Freire, Enrique Dussel, Boaventura de Souza Santos, Ivor Goodson, Maria Eliete Santiago<sup>1</sup>, Ana Inês Sousa, Targelia de Souza Albuquerque, Miguel Arroyo, Carlos Rodrigues Brandão e tantos autores que colaboraram conosco nesse pensar a Educação e a escola na perspectiva democrática e emancipatória. Ressaltamos a colaboração de inúmeros docentes, trabalhadores da Educação que dialogaram conosco e cujas ideias apresentadas nos grupos de estudo, encontros e eventos coordenados pelo SINPROJA e em tantos outros, a exemplo do Ato Político Pedagógico e Cultural da Cátedra Paulo Freire da UFPE e do XII Colóquio Internacional Paulo Freire em 2024, cujas aprendizagens dialógicas direta ou indiretamente nos impulsionaram a produzir esse “livro de “bolso”, seguindo os passos de Paulo Freire na produção e editoração das primeiras 27 edições do livro Pedagogia da Autonomia, cuja primeira edição foi em 1986.

Este foi o presente que ousamos produzir para homenagear os(as) docentes no Ano Letivo 2025. O tema central: **JUNTAS, JUNTOS E JUNTES, SOMOS CAPAZES DE CONSTRUIR A ESCOLA PÚBLICA DEMOCRÁTICA.**

---

<sup>1</sup>*Destacamos a contribuição da obra coordenada por Eliete Santiago, Delma Silva e Claudine Silva denominada **Educação, Escolarização e Identidade NEGRA: 10 anos de pesquisa sobre relações raciais no PPGE/UFPE (2010)**, para estudos mais aprofundados sobre questões raciais e a relevância desse debate com educadores e educadoras que fazem a escola SER MAIS democrática, antirracista e inclusiva.*

Decidimos partir do texto original do Caderno Pedagógico I “Pensando a Escola Democrática” da professora Targelia de Souza Albuquerque (1991) e atualizar com novas reflexões: novos conhecimentos teóricos e praxiológicos construídos em inúmeras jornadas educacionais nesse múltiplo território chamado Brasil. Ousamos criar uma metodologia dialógica instigando perguntas e apresentando reflexões críticas sobre diferentes problemáticas desse tema tão complexo: projeto e feitura de uma Educação/escola substantivamente democrática no município de Jaboatão dos Guararapes, expandindo-se para diversos espaços do nosso país.

Esperamos que este pequeno livro possa ser acolhido com um misto de firmeza e amorosidade pelas mãos de cada professor, professora, trabalhador e trabalhadora da Educação, que possa tocar o seu coração abrindo as portas da razão, como tão bem nos ensinaram Frei Betto e Paulo Freire no livro *Essa Escola Chamada Vida* (2000). Nessa caminhada, vá agregando forças dos educandos, das educandas, de educandes e suas famílias, das comunidades LGBTQIA+, dos povos originários, indígenas, quilombolas e de todas as gentes que forem chamadas a construir um projeto democrático de país, cuja Educação/escola de Jaboatão dos Guararapes é indissociável. Que esse caminho agregue muitos educadores e muitas educadoras para constituir um coletivo político pedagógico e cultural vigoroso e capaz de um “Bom Combate” por essa Educação e escola que tanto almejamos. O “Caminho se Faz ao Caminhar”, como nos ensinam Paulo Freire e Myers Horton (2000).

Almejamos que cada pessoa que entrar nessa roda com a gente para dialogar, estudar, possa assumir conosco a estratégia emancipadora de construir inéditos viáveis para que compreendamos com Brandão (1983) "O ardil da Ordem: armadilhas da Educação Popular" e afirmemos com Arroyo o "Ofício de Mestre (2000). Mário Quintana poetiza: "São os passos que fazem o caminho" e Paulo Freire ensina: "O caminho se faz ao caminhar". Juntas, junte e juntos, passo a passo, nessa jornada nos tornaremos educadores e educadoras, constituiremos a nossa autonomia com nossas, nossos e nossos estudantes; enfrentaremos dificuldades, lidaremos com as contradições sociais e superaremos conflitos e atitudes egocêntricas. Será uma caminhada educativa de nossa construção e nosso reconhecimento como sujeito histórico social e cultural; construiremos memórias coletivas de (re)criação de novas visões de mundo e conhecimento-emancipação (Santos, 2000). Seremos parceiros, parceiras e parceiros da liberdade.

Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, reafirma que é da natureza ontológica do ser humano que se reconhece incompleto, inconcluso e inacabado, SER MAIS em comunhão, em relação autêntica, no amor e na coragem. SOMOS SIM, CAPAZES DE JUNTAS, JUNTOS E JUNTAS CONSTRUIR NOSSA ESCOLA SUBSTANTIVAMENTE DEMOCRÁTICA EM JABOATÃO DOS GUARARAPES.

Decidimos agregar novas reflexões e tecemos com múltiplas mãos o texto que ora apresentamos e presentamos cada professor, professora, trabalhador e trabalhadora em Educação do município de Jaboatão dos Guararapes, como instrumento para continuar a

construção da Escola pública substantivamente democrática, articulada a um projeto novo de Brasil ético, digno, fraterno, justo em processo de libertação contínua.

Trabalharemos assim incansavelmente, em “co-laboração”, para produzir uma pequena obra em tamanho, mas imensa em problematizações, que possa ser segurada com firmeza e amorosidade por todo (a) professor (a), trabalhador e trabalhadora em Educação, não só de Jaboatão dos Guararapes, mas em cada pedacinho próximo ou distante, para semear um processo educativo democrático. Um livro que tocasse o coração e deste “lugarzinho corpóreo”, uma energia vital brotasse, mobilizasse corpo e alma de gente capaz de amar e fluir esse amor corajoso na construção de um projeto coletivo de escola democrática, corporeificada pelo nosso exemplo. Juntos, juntas, jntes podemos pensar ideias, mas sobretudo devemos superar as dificuldades, as situações-limite e pensar a nossa existência, a de nossos (as) estudantes e suas histórias de vida; trazer da prática social, realidades, entendimentos e vivenciar no coletivo a possibilidade de criação do novo.

Muitas serão as problematizações que deveremos formular e procurar respostas e alternativas; essas serão indispensáveis à prática educativa: qual o nosso sonho de escola, quão perto ou distante está a realidade da utopia que ilumina nossa caminhada? O que somos? Quem são os(as) estudantes, companheiros (as)(es) nessa jornada dialógica e emancipatória? Estamos preparados (as) (es) para vivenciar uma Educação emancipatória, democrática,



antirracista e inclusiva? Qual a ética que perseguimos? A ética de mercado: elitista, segregadora que nos manipula com uma **“Barganha diabólica”<sup>2</sup>, tentando controlar nossas emoções e modos de pensar e existir no mundo, manipulando situações e nos fazendo acreditar nas suas ideologias e estratégias reguladoras de nosso eu singular e do eu coletivo, político, pedagógico e cultural?**

Somos capazes de identificar e interpretar essas manobras, pois só o conhecimento-emancipação, a criticidade, a vivência da Educação conscientizadora poderá abrir caminhos para a libertação das grades visíveis e invisíveis que nos aprisionam ou tentam roubar a nossa humanidade. Como nos comportamos como professores, professoras; trabalhadores e trabalhadoras de uma Educação democrática, dialógica, inclusiva para imergir na realidade, compreendê-la criticamente e emergir da prática social com mais lucidez e coragem para criar inéditos viáveis e estratégias emancipatórias, como nos propõe Boaventura de Souza Santos (2000), Paulo Freire (1983) e Dussel (2000).

Tudo isso significa compromisso de adesão contínua a processos educativos comunitários dentro e fora da escola. Como afirma

---

<sup>2</sup> *Barganha diabólica é uma expressão cunhada por Ivor Goodson (2008) no seu livro “As políticas de Currículo e de escolarização”, para analisar a conduta da direita conservadora elitista de controle e regulação de ações progressistas e emancipatórias. Para frear a construção de inéditos viáveis em prol da democracia, representantes governamentais se aliam ao poder autocrático e assumem a ideologia da dominação e opressão. Para não parecerem antagônicos ou “baterem de frente”, pois seriam logo desmistificados e suas intenções maléficas descobertas, constroem assim estratégias de barganha, cessão de favores, cooptação de corpos e mentes. É realmente estratégia de “Barganha diabólica”.*

Brandão (2001) ao prefaciar o livro Paulo Freire- Vida e Obra; construção coletiva de um projeto popular de Educação como parte de um projeto popular de Brasil. Paulo Freire trabalhou incansavelmente com muita gente na construção de um projeto popular de nação, onde o povo tivesse assegurados os seus direitos de cidadania e de humanização do ser humano.

As nossas crianças, adolescentes, jovens, pessoas adultas e idosas precisam ser ouvidas, reconhecidas como sujeitos humanos; ter suas vozes asseguradas e a oportunidade de viver uma relação dialógica; é no processo de educação política que as aprendizagens emancipatórias e o bom combate ganham força para que o povo possa ter ingerência nos rumos do país. É nesse momento que a conscientização abre caminho para a compreensão das situações-limite e a criação de inéditos viáveis. Paulo Freire nos ensina que a liberdade é um parto. Um parto muito difícil, mas só através desse Parto é que podem nascer novos, novas e novos sujeitos históricos sociais e culturais: homens, mulheres, LGBTQIA+. É no coletivo e com o coletivo para uma cidadania emancipadora que a Educação substantivamente democrática encontra o seu lugar e deve se expandir amplamente em escolas, sindicatos, movimentos sociais.

É nossa responsabilidade trabalhar com cada educador (a)(e) e educando (a)(e) para pensar um projeto popular de Brasil, de mundo e como, a partir da situação real do nosso lugar, torná-lo práxis. A escola substantivamente democrática jamais exclui, deforma e separa os conteúdos curriculares da práxis social que os gerou e de suas interfaces com os saberes de experiência feitos; ela

assume a formação plena, a inclusão, o “SER-MAIS”. Para tanto precisa chamar o povo a ocupar as escolas, exercitar a conquista, aumentar o desejo do conhecimento, praticar o diálogo autêntico: aberto e crítico para transformar seres humanos em sujeitos capazes de intervir e transformar o mundo para a melhoria da qualidade social.

Este livro nos fará problematizar a nossa existência no mundo, na escola, nas nossas casas, no convívio com todas, todos e todes estudantes, nossos pares; no papel e na função que exercemos na nossa organização sindical - no SINPROJA, nas organizações sociais, nos movimentos populares, nas ruas com as pessoas, todas as pessoas de diferentes classes sociais, sejam homens, mulheres, LGBTQIA+; indígenas, negros e negras, comunidades quilombolas, crianças, adolescentes, jovens, adultos (as) (es) e idosos (as) (es); autênticas gentes que clamam a vida, sob a égide da Ética Universal do Ser Humano (FREIRE, 2007) e Ética da Libertação na era da Globalização e da Exclusão (DUSSEL, 2000).

**Recife, 24 de setembro de 2024**  
**Targelia de Souza Albuquerque**



**\* Nelino Azevedo de Mendonça**

**"(...)**

**Não importa que doa: é tempo  
de avançar de mão dada  
com quem vai no mesmo rumo,  
mesmo que longe ainda esteja  
de aprender a conjugar  
o verbo amar**

**É tempo sobretudo  
de deixar de ser apenas  
a solitária vanguarda  
de nós mesmos  
(...)."**

O poema "Para os que virão", de Thiago de Mello, é uma potente declaração de que a esperança é imprescindível na luta pela dignidade humana, de que é indispensável a fé do ser humano no outro ser humano e de que amar também se aprende e por isso é

um processo pedagógico. Encontrar nos versos do poema acima similaridades com o teor, o propósito e os objetivos das frases e ideias que compõem cada página deste livro "Juntas, Juntos e Juntas, Somos Capazes de Construir a Escola Pública Democrática", escrito por Targelia de Souza Albuquerque, não é um mistério enclausurado nos escaninhos do pensamento, mas um descortinar que se abre para múltiplos horizontes que anunciam sonhos e utopias capazes de mover o mundo para a concretização de inéditos viáveis.

A força deste livro nasce na sua coerência gestacional porque é fecundado pelo princípio do amor corajoso, que não abre mão de um projeto coletivo de escola democrática; porque se sustenta na construção colaborativa de várias mãos que se juntam para denunciar a perversão dos sistemas opressores e excludentes na sociedade e anunciar novas possibilidades de caminhos tecidos pela coragem coletiva que forja o necessário despertar para a libertação; porque não abre mão de problematizar a existência dos seres humanos no mundo na perspectiva de sua emancipação; porque tem no diálogo o fundamento de sua abertura para acolher as diferenças, as singularidades e para afirmar a interculturalidade como princípio humanizador das convivências sociais.

O propósito que direcionou o pensamento, as ideias e as mãos na fazedura dessa obra está grafado no fragmento a seguir, nas palavras da própria autora quando afirma o desejo de tecer um livro "que tocasse o coração e deste 'lugarzinho corpóreo', uma energia vital brotasse, mobilizasse o corpo e a alma de gente capaz de amar e fluir esse amor corajoso na construção de um projeto

coletivo de escola democrática, corporeificada pelo nosso exemplo. Juntos, juntas, juntos podemos pensar ideias, mas sobretudo, devemos superar as dificuldades, as situações-limite e pensar a nossa existência, a de nossos(as) estudantes e suas histórias de vida; trazer da prática social, realidades, entendimentos e vivenciar, no coletivo, a possibilidade de criação do novo".

Este livro é um chamado para o fazer coletivo. Ele ativa um sentimento de pertencimento e de ação compartilhada necessário para a superação do individualismo solipsista e desperta a necessidade de fortalecer um projeto coletivo de Educação popular para afirmação de um projeto de cidade, de país, de nação. Ele recupera o mais profundo sentido das palavras de Paulo Freire, em diálogo com Ira Shor, no livro "Medo e Ousadia: o cotidiano do professor", quando afirma que não acredita em autolibertação por considerar que a "libertação é um ato social". Prossegue em sua fala o nosso patrono da Educação brasileira: "Mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação global da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do empowerment ou da liberdade" (FREIRE, 1986, p. 135).

Este livro é um chamado para o exercício de uma práxis que possibilite uma revolução no cotidiano da sala de aula, conclamando professoras e professores a um quefazer crítico e problematizador endereçado aos horizontes que se abrem para a curiosidade epistemológica e para a construção do conhecimento

como ato de conhecimento crítico e como processo de busca. É também um chamado para que a escola seja a corporificação de um ambiente em que as diversas culturas se reconheçam num permanente círculo dialógico intercultural, na perspectiva do ser mais para que a construção da humanização dos seres humanos seja o seu devir.

"Juntas, Juntos e Juntas, Somos Capazes de Construir a Escola Pública Democrática" é um livro que não abre mão da utopia e, por isso, assume a tarefa de ser mensageiro de denúncias e anúncios. Denúncias das dimensões desumanizantes e anúncio das possibilidades de emancipação e libertação de mulheres e homens. Assume a democracia como princípio basilar para a construção de uma escola humanizadora e de um projeto de país e, ao mesmo tempo, não abre mão da amorosidade, da coragem, da responsabilidade, da lucidez e do exercício da vigilância ética para que não restem dúvidas de que esse projeto de escola e de país seja um caminho fértil de justiça, dignidade e libertação.

## Nelino Azevedo

**N**elino Azevedo de Mendonça é mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorando em Educação pela PUCPR. Atualmente, atua como Técnico Educacional em Direitos Humanos na Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco e já lecionou na Universidade Estadual de Pernambuco (UPE). Com trajetória voltada para o campo da Educação, dedica-



se especialmente aos temas do diálogo, da humanização, da pedagogia freireana e das relações interpessoais. É autor do livro *Pedagogia da Humanização: a pedagogia humanista de Paulo Freire* e integra a Cátedra Paulo Freire/UFPE e o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas. Seus estudos mais recentes se concentram na ideia de alteridade no pensamento de Emmanuel Lévinas e na pedagogia freireana.





**\*Isaac de Souza Assunção**

Ao receber o convite do Sinproja, pela presidenta Séphora Freitas, para prefaciar este livro representando toda a categoria de professoras(es), nesta edição comemorativa em homenagem a todas(es/os) docentes e demais profissionais da Educação da Rede Municipal de Jaboatão dos Guararapes, encarei como desafio da comunicação refletir sobre o tema central deste livro, "Construir a Escola Democrática", que tanto parte dos meus estudos sobre Paulo Freire para pensar o tema, como também minha atuação coletiva no chão da escola e em sintonia com centenas de educadoras(es) em diferentes ações com o Sinproja, que completa 32 anos de luta sindical no ano de 2025, mobilizando as categorias da Educação e trabalhando para a construção das melhorias das escolas, da valorização das(os) profissionais da Educação, das condições de trabalho dignas e para um futuro democrático e promissor para as infâncias e as juventudes formadas nas escolas deste importante município.

Este livro reúne importantes problematizações e reflexões sobre os desafios educacionais diante do avanço neoliberal na Educação, inspiradas nas reflexões de uma Educação Popular e de uma Pedagogia da Luta defendida no ideário pedagógico de Paulo Freire, que é Patrono da Educação Brasileira. Paulo Freire entendia que as pessoas educadoras eram agentes políticos de transformação social, inspirava a classe educadora a alfabetizar politicamente, com diferentes estratégias de resistência contra o poder que historicamente negou o diálogo, tornando os processos educativos autoritários (Educação bancária), que silenciavam as diferentes vozes que precisavam ser ouvidas para materializarem seus sonhos e desejos na construção de uma escola que se fizesse do povo para o povo.

Nesta edição, serão abordados diálogos freireanos que conectam nossas existências, nossas identidades ao ato político que é construir democraticamente a escola pública e o nosso papel como intelectuais autônomos, em constante processo de formação, que colocam o ensinar e o aprender caminhando paralelamente e mostrando nossa vigilância epistemológica no compromisso com a qualidade da Educação pública desenvolvida em Jabotão dos Guararapes, sem nunca permitir sermos desvalorizadas(es/os).

No centro de sua essência, esta obra carrega uma defesa política pelo fim do preconceito e da discriminação que a pedagogia tradicional embutida de seus valores universalizantes e eurocentrados desconsiderou ao não reconhecer a verdadeira história do Brasil que não foi descoberto e negar, no currículo, as diferentes nações indígenas e suas importâncias, as contribuições

que os povos da África trouxeram para a formação do povo brasileiro, as desigualdades de gênero e sexualidade que historicamente o Brasil carrega desde a colonização, as reivindicações dos novos grupos identitários (LGBTQIAPN+, Feminismos, Estudantis, Ambientalistas, Antirracistas e de Pessoas com Deficiência) que reivindicam, no currículo, conhecimentos e práticas para que a escola seja de fato democrática, vozes aliadas na luta pela construção da escola inclusiva.

Por fim, este livro traz um sentido de esperarçar freireano como verbo-ação, no movimento de luta coletiva e simbólica, sem esquecer a alegria que o Sinproja nos impulsiona a ter quando lutamos juntas(es/os) e é nessa perspectiva que este livro se configura essa linda homenagem aos profissionais da Educação de Jaboatão, que corajosamente lutam pela construção diária de uma escola democrática, justa e para todas(es/os), sem nunca se esquecer de dizer juntas(es/os): Sinproja, firme na luta!

## Isaac Assunção

**SAAC:** Pedagogo formado pela UFPE (2014), é especialista em Artes e Docência no Ensino Superior (2022-2023) e mestre em Educação, Culturas e Identidades pelo PPGEI (UFRPE/Fundaj), com conclusão em 2021. Atua como professor efetivo nos anos iniciais da Prefeitura do Jaboatão dos Guararapes/PE, e também como professor substituto no Departamento de Fundamentos Sociofilosóficos da

Educação da UFPE. No ensino superior privado, ministra a disciplina “Profissão Docente e Formação de Professores no Brasil” no Centro Universitário NOVO. É artista Drag Queen, arte/educador, produtor cultural pela Fundarpe, artista docente e educador social. Também é membro da Federação de Arte/Educadores do Brasil (FAEB) e do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação (GPECAE).







## **UMA TELA CRÍTICA PARA LEITURA DA REALIDADE**

### **PROBLEMATIZAÇÃO:**

**POR QUE TRABALHARMOS COM AMOROSIDADE, CORAGEM, RESPONSABILIDADE, LUCIDEZ, CRITICIDADE E VIGOR PARA CONSTRUIR UMA ESCOLA SUBSTANTIVAMENTE DEMOCRÁTICA EM JABOATÃO DOS GUARARAPES? SERÁ QUE BASTA A VONTADE E A TOMADA DE CONSCIÊNCIA DA SITUAÇÃO COMPLEXA EM QUE SE ENCONTRAM AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO PAÍS E OS GRAVES PROBLEMAS QUE AFETAM OS PROCESSOS EDUCACIONAIS PROGRESSISTAS NAS ESCOLAS?**

Tudo isso é importante, mas não basta. Precisamos, como diz Pablo Gentili (1996), sujar os pés de barro e arregaçar as mangas para o trabalho; compreender o jogo dialético, contraditório entre o discurso e a práxis; desvelar as concepções que integram ou

dicotomizam “A qualidade social e a qualidade da Educação”. Desmistificar as forças antagônicas que se enfrentam em níveis local, estadual, regional e nacional, tendo os olhos no Brasil e no mundo com seus protagonistas e projetos. Identificar e explicitar as diferenças entre aqueles que se orientam em favor da ética de mercado e dos que defendem com radicalidade a ética universal do ser humano (FREIRE, 2007; 2000b) e a Ética da Libertação na era da globalização e da exclusão, como ensina Dussel (2000).

Por essa razão, precisamos exercer a vigilância ética para ter clareza de nossos posicionamentos e das pessoas dispostas a entrar conosco nesse bom combate em prol de uma sociedade digna, fraterna e justa, inseparável da Educação substantivamente democrática para a qualidade social. Estamos aqui falando em trajetórias de opressão que precisam ser combatidas por um autêntico protagonismo social, cultural, pedagógico de educadores e educadoras que resistem e lutam para construir processos dialógicos de libertação.

Será que, neste ano letivo temos força humana, preparo, vontade política para ousar construir um sólido e emancipatório projeto de EDUCAÇÃO E ESCOLA que mude pessoas e essas sejam capazes de reverter a lógica da opressão e ter ingerência para participar da elaboração de políticas públicas emancipatórias e assumir decisões fundamentais nessa direção? Poderemos de fato construir uma escola em que crianças, adolescentes, jovens, pessoas adultas e idosas possam experimentar uma Educação libertadora pela vida inteira e serem protagonistas de um projeto de Brasil?

Acreditamos que o amor move a coragem que nos move à luta e porque amamos nosso município, e as gentes que lutam para produzir uma existência humana para si e sua família no município, é que podemos dar passos seguros na construção e concretização desse projeto. Constatamos que o desânimo interpenetra o cotidiano escolar, que os conflitos interpessoais muitas vezes afastam pessoas, segregam, desestimulam. Constatamos que o espaço escolar é muitas vezes locus de disputa ideológica, religiosa e de segregação e preconceito. Isso precisa ser problematizado. A compreensão de que a escola é espaço multicultural em que as diversidades transitam, mas que um princípio ético deve predominar: a igualdade na diversidade. A escola é território de ensino e aprendizagem, de produção e socialização dos saberes produzidos socialmente. Os saberes escolares devem ser questionados, pensados criticamente, para que os estudantes transitem da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica. O território da escola pública não pode ser invadido, ocupado ingenuamente ou cedido para fins privatistas de qualquer ordem. A escola é pública e pelo público precisa ser ocupada e construído um sentimento de pertença, de valorização da escola do povo para o povo.

Precisamos estar vigilantes aos diferentes modos de disputa do espaço escolar como estratégia de dominação dos estudantes ou de disciplinamento “militarizante”. A escola não é quartel, não é igreja, não é clube, nem posto de saúde. A escola é escola, lugar onde se aprende cidadania, lugar de aquisição, apreensão e apropriação crítica do conhecimento; lugar de fazer amizades para toda vida, de se descobrir no mundo, descobrir o outro e se



descobrir em comunhão uns com os outros. A escola substantivamente democrática não sectariza; respeita e dignifica. A escola precisa enfrentar os territórios contestados e os conflitos sociais que a interpenetram. E isso só se faz com um estudo sério de conhecimento da prática social, da lógica que interpenetra as políticas educacionais e a clareza de que a escola pública não pode servir a outros fins que não estejam explicitados no seu projeto político pedagógico; este é o norte de todas as ações da escola com estudantes, professores e professoras e as famílias, à luz da Constituição Federal e da legislação educacional pertinente. A escola não é lugar de fofocas, mentiras e simulações ou de “se puxar o tapete” para o outro cair ou tropeçar. A escola é lugar de se aprender a amar a gente, a todas as gentes e partilhar o banquete dos conhecimentos construídos pela humanidade e datá-los, situá-los e problematizar a sua gênese e seus usos em benefício ou negação da humanização do ser humano. A escola é lugar de se aprender a identificar mentiras, “fake News”, de se buscar a verdade através do pensar certo, como ensina Paulo Freire. A escola é um *locus* promissor de leitura da realidade e semeadura das sementes da liderança cidadã. Para isso, educadores e educadoras com seus educandos e educandas, em parceria com as famílias, podem e devem investir em uma compreensão profunda da realidade “intra e extraescolar”, das relações pessoais e interpessoais, das práticas educativas que formam ou que podem deformar crianças e adolescentes em especial. A escola não é tribunal de julgamentos ou doutrinações. A escola é um arco-íris de saberes, de descobertas da história do mundo, de povos e nações. A escola é um lugar de encontro de pensares, sentires e saberes e cada ser que ali está, independentemente de raça, gênero, etnia e

religiosidade, precisa ser respeitado. A escola pública é radicalmente contra qualquer forma de preconceito e discriminação e jamais pode ser ocupada por qualquer ação que não esteja explicitada no seu projeto político pedagógico, construído e autenticado pelo coletivo de trabalhadores da comunidade escolar e/ou de seus legítimos e legitimados representantes. A escola pública, como lugar público, tem finalidades públicas emancipatórias e libertárias declaradas no seu projeto político pedagógico.

Vamos superar as “fofocas”, os maldizeres, as maledicências e os medos da autenticidade e demonstrar autonomia, solidariedade, senso de justiça e nossa vocação ontológica de SER-MAIS. É da natureza humana ser livre, ser feliz. Ninguém nasceu para ser escravo e serviçal. Mas a autonomia, a liberdade, não nos são dadas de presente. São conquistas por vezes complexas e dolorosas. Nós não desistiremos jamais. Estamos firmes, ninguém solta a mão de ninguém. Somos parteiros e parteiras da Liberdade, como nos ensina Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido. Este será o BOM COMBATE que faremos em Jaboatão dos Guararapes.

Da prática social, resistir, lutar e esperar, como aprendemos com Paulo Freire e vários autores e autoras progressistas; recuar sim, desistir jamais. Precisamos compreender melhor as situações e problemáticas e criar novas estratégias; e de mãos dadas, enfrentar juntas(os)(es) as situações-limites e ousar construir inéditos viáveis. Fugir das situações que nos ameaçam nem sempre é covardia, mas, também enfrentá-las sem conhecimento profundo, como se fôssemos “heróis, heroínas ou heroínas” é ingenuidade. A lucidez, o

vigor, a coragem, a determinação construídos no coletivo e uma imensa amorosidade ancorarão o trabalho pedagógico de professoras (es): trabalhadoras e trabalhadores da Educação nas suas comunidades, nas ruas, dentro e fora da escola. Professores e professoras, educadores e educadoras que não se amedrontam diante das ameaças institucionais, que não se calam, que desenvolvem a ouvirtude. Só assim poderemos enfrentar as adversidades, investir em formações continuadas, em que aprendamos juntos, juntas e juntas a fazer a democracia com nossos, nossas e nossos estudantes. Assim poderemos ocupar os nossos espaços educativos e vivificá-los de alegria e esperança; pronunciar as nossas palavras, nos fazer ouvir e anunciar nossos desejos, sonhos e compromissos em (re)criar uma escola na concepção freireana em que uma Educação democrática não se faz no abstrato, mas diretamente vinculada a um projeto público, popular de Brasil ético, digno, fraterno e justo.

**Por que estudar e dialogar com Paulo Freire, em especial, entre outros(as)(es) estudiosos (as) (es) para construirmos fundamentos consistentes e coerentes que se constituam como tela crítica de leitura da realidade?**



Paulo Freire, em início de 1929, era um menino feliz, bem cuidado e protegido pelos seus pais e familiares próximos, além de seus quatro irmãos, pois era o quinto filho, caçula da família Freire. “À sombra da mangueira”, em pleno contato com a natureza, com um refinado senso de observação... Paulo Freire, com apoio de sua mãe, aprendeu a ler o mundo antes da leitura da palavra. A natureza, seu quintal, as árvores, os pássaros, o gato de estimação, Joly o cão preto do seu pai, as músicas clássicas que pareciam saltar do piano pelas mãos da tia Lourdes e tanto o encantavam; o cheiro das frutas, os sabores das mangas, pitangas, jacas e as sobremesas deliciosas, entre elas a de banana frita com açúcar e canela, que era a sua preferida; o seu primeiro amigo de verdade, Albino, que morava em uma casa de gramado lindo! A inesquecível professora, Dona Eunice Vasconcelos, professora tão querida que ampliou as suas leituras de mundo e das palavras; dona ÁUREA, outra professora tão querida! Alpercatas, roupas brancas impecáveis, cheiro de lavanda, seus brinquedos e livros preferidos, as missas aos domingos e os passeios pelos parques integravam o seu mundo.

Com a queda da Bolsa de Valores de *New York*, em 1929, o mundo presenciou uma das maiores crises econômicas mundiais, uma das causas principais da crise econômica mundial, cujos efeitos catastróficos atingiram o Brasil, provocando a falência de várias empresas e comerciantes. O tio-padrinho de Paulo Freire (Rodovalho) que morava no Rio de Janeiro, “perdeu seu comércio e bens” e não pode arcar mais com a ajuda que enviava à família Freire para pagar a hipoteca. A família precisava se mudar e foi a cidade de Jaboatão que a acolheu. A partir desses momentos traumáticos de rupturas e perdas econômicas, Paulo Freire inicia

uma nova história na sua  
meninice, no Bairro de Santo  
Aleixo; no alto do Morro da Saúde,  
lá estava e ainda está a casa branca e  
humilde de Paulo Reglus Freire.

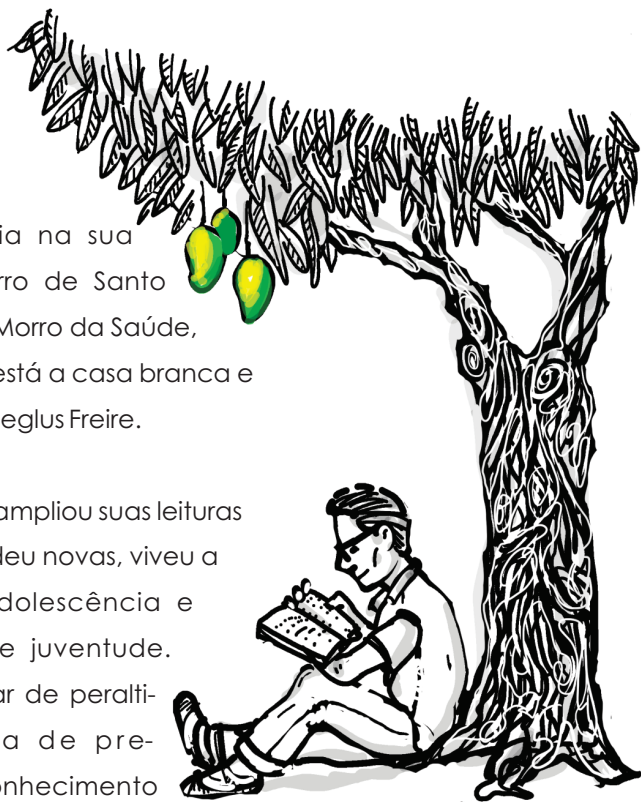
Em Jaboatão, ele ampliou suas leituras  
de mundo, aprendeu novas, viveu a  
sua meninice, adolescência e  
primeiros anos de juventude.

Esse foi o seu lugar de peraltices,  
de quebra de preconceitos, de conhecimento

de si no mundo e com a cultura local e

os fazedores e fazedoras de histórias de vida e de

mundo. Nesse nosso território, Paulo Freire escreveu parte de sua  
história. Com os pés nos quintais e os olhos no mundo desabrochou  
de uma história pacata, praticamente familiar, para uma  
ampliação de visão de mundo, de cultura e de si mesmo;  
desmistificou brincadeiras, colocou os pés no chão, sujou-se de  
lama, reconheceu-se como um menino pobre e vivenciou os  
folguedos e catarse da pobreza. Mas também descobriu a beleza  
da cultura popular, cuja estética não se opõe à cultura erudita.  
Cada uma, no encontro da vida, da arte e das relações com suas  
ancestralidades garante a sobrevivência dos povos e a  
reafirmação de suas identidades. (ALBUQUERQUE, 2013, 2021).



Jaboatão dos Guararapes, ao acolher a família Freire, integrou a sua história como criança pobre que vivenciou a fome, em diferentes momentos, mas de uma forma mais intensa aos 14 anos, quando seu pai (capitão da polícia militar) falece. Além do luto e das situações de perda material que a família enfrentou, Paulo Freire presenciou cenas cruéis de escárnio e desprezo de pequenos empresários de açougue e padaria que humilhavam a sua mãe, expulsando-a de seus territórios de negócios quando esta mendigava ossos e restos de carne para fazer sopas para os filhos e filhas, que passavam fome. Reconheceu-se como adolescente pobre, feioso, que para continuar os estudos secundários precisava se deslocar de trem à cidade de Recife.

Jaboatão ensinou Paulo Freire a crescer e amadurecer: muitas horas de estudo, o antigo relógio da família marcava as horas da madrugada, em que aquele menino lia, lia muito, estudava, fazia as lições de casa, em especial. Ele se lembra da importância, na sua vida, das professoras Eunice Vasconcelos e Áurea, em Recife, e destaca a relevância da professora Cecília, de Jaboaatão, na sua formação básica, em especial na Língua Portuguesa. O menino que tinha fome de saber. Mesmo com a barriga vazia, alimentava-se de saberes, de experiências, feitos e dos conhecimentos socialmente construídos pela humanidade. Muitas vezes, a mãe de Paulo Freire, ao dar a bênção de boa noite a seu filho, recomendava que não fosse dormir tão tarde. Porém, não foram poucas as madrugadas em que, ao acordar às cinco da manhã, encontrava seu filho dormindo entre os livros; com certeza ele havia varado a noite estudando.

De experiências culturais, aprendizagens curriculares, de amizades feitas, de estudo, de momentos tão intensos de alegrias e profundas tristezas, Paulo Freire, no seu livro "Cartas à Cristina" e em outras obras, presta uma homenagem à Jaboatão, demonstrando gratidão imensa pelos dias de sua meninice, adolescência, juventude e partilha dos seus primeiros passos como professor do Colégio Oswaldo Cruz (Recife). Hoje, Cada professor, professora, trabalhador e trabalhadora da Educação do Município de Jaboatão dos Guararapes, precisa saber desse chão que ele pisa, dos quintais, dos cheiros de mangas, cajus, cajás, do barro dos morros, das escolas em que trabalha, dos companheiros (as) (es) de labuta, dos livros que conseguia ler e daqueles que desejava estudar e não possuía dinheiro para comprar; dos sofrimentos pessoais e profissionais que passa, dos preconceitos e discriminações, mas também das alegrias partejadas de afetos, em especial quando crianças, jovens, adultos (as) (es) e idosos (as) (es) anunciam as suas aprendizagens e conquistas curriculares e de história de vida.

Paulo Freire nos ensina a gratidão, a generosidade e a humildade. Nesse momento, lembro-me de cenas que se constituíram na jornada de Paulo Freire, mas que também acontecem conosco. Por exemplo, quando alguém pronuncia nosso nome ou nos chama de outro lado da calçada: "professor, professora". E essa voz enche nosso coração de alegria. "Professor, professora", eu jamais me esquecerei de você.

Sabem por que essa fala nos toca tanto? Porque afetos foram germinados, conhecimentos construídos e o nosso trabalho

educativo se expressou no reconhecimento. A Educação se fez: O ser estudante foi amado, reconhecido como ser singular e sujeito histórico, cultural e social; saberes de experiências feitos foram escutados e valorizados e participaram de travessias; da passagem da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica. Ensino e aprendizagem se concretizaram em relação dialógica, em que os processos de aproximação da realidade, observação e leitura crítico-emancipatória se teceram em comunhão com os fios da generosidade, compaixão, profunda fé entre todos, todas e todes sujeitos humanos, sujeitos históricos e culturais. Esse é um encontro amoroso, em que a chave da razão é o coração, como pronunciaram Paulo Freire e Frei Betto (2000) no livro "Essa Escola Chamada Vida".

Paulo Freire disse em uma entrevista, quando foi perguntado como gostaria de ser lembrado. Ele respondeu: - "Eu gostaria de ser lembrado como um homem que amou a natureza, os pássaros, as árvores, os animais, a gente, a todas as gentes." Em Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire ressalta a importância de que nós, educadores e educadoras, trabalhemos em "co-laboração", em "comunhão", para assim podermos nos reconhecer em cada ser que sofre e nesse processo lutar com ele para, a partir da compreensão da situação-limite, construir inéditos viáveis em uma perspectiva de transformação pessoal e social, inéditos emancipatórios.

- **Uma educação substantivamente democrática para a qualidade social**



Reafirma-se com Paulo Freire<sup>3</sup>, Gentili (1996) e Dussel (2000) que a “boa briga” é por uma Educação substantivamente democrática como parte de um projeto social emancipador; uma qualidade educacional integrada a um projeto mais amplo de sociedade, em que qualidade para poucos não seja considerada “qualidade” e sim, privilégio. Luta-se, portanto, por uma qualidade sem dualização social que tenha como norte “a ética universal do ser humano” (FREIRE, 2000a), na qual a produção da existência humana não é concessão de uma classe para outra ou de grupos hegemônicos; é, sobretudo, direito, condição histórica de humanização, de sobrevivência, de vida planetária digna, fraterna e justa.

Para Freire (2000b) a Educação é um ato político, “molhado” de ideologia, não é neutra. Ela exige, sobretudo, a declaração de princípios e opções. Uma Educação substantivamente democrática possibilita aos seres humanos realizarem a sua própria humanização, pois é da natureza humana a condição de incompletude, inconclusão e inacabamento. “Este é um saber fundante da nossa prática educativa, da formação docente, o da nossa inconclusão assumida” (Freire, 2000a, p.65).

Dialogar com Paulo Freire e fazer interlocução com outros (as) autores (as) comprometidos (as) com uma formação emancipatória de docentes é aderir à luta por uma Educação e escola “substantivamente democrática”. Freire (2000b) constrói

---

<sup>3</sup>As obras clássicas estudadas e trabalhadas com essa temática serão nomeadas nas Referências, ao final da obra.

uma tela crítica para a avaliação da qualidade da escola e apresenta entre os vários constitutivos desta proposta, a necessidade de formação permanente de professores e professoras para se “mudar a cara da escola”. Ele reforçava que a democratização do poder dos professores, também expressa *nos seus modos de ensinar e avaliar*, poderia abrir novas possibilidades de interação social dentro e fora de sala de aula. Isso promoveria aos estudantes oportunidades de preencher as lacunas curriculares – herança histórico-cultural, concretizando ações pedagógicas voltadas à superação dos obstáculos em seu processo de conhecer e restituindo-lhes o direito de cidadania.

Nessa direção, ressalta Santos (2000) que isto significa construir uma ética comunitária que critica e se opõe, radicalmente, à lógica do Mercado, aos interesses do lucro, das ações classificatórias e discriminatórias, à exclusão social, à negação dos direitos fundamentais de cidadania, às estratégias explícitas ou implícitas de fragilizar os seres humanos, procurando destituí-los de seus direitos civilizatórios. “Há necessidade de se produzir um conhecimento prudente para uma vida decente” – “Um conhecimento emancipação”. (SANTOS, 2000, p.38).

A relação ensinar e aprender para Paulo Freire se constrói nesse contexto. Ela precisa ser compreendida na sua historicidade, pois são seres humanos que se constituem como tais na relação uns com os outros, mesmo que forças contrárias os tentem segregar; é da natureza humana “Ser Mais”, viver e conviver na fraternidade, dignidade e justiça (FREIRE, 2007).

Uma das condições básicas para a concretização desse diálogo educativo – ensinar e aprender – é a problematização. Problematizar talvez seja uma das exigências mais complexas no exercício da docência em diferentes níveis de ensino. Conceituar docência, SIGNIFICA EXPLICITAR UMA RELAÇÃO DIALÓGICA DO ENSINAR COM O APRENDER, OU SEJA: “PARCEIRO, PARCEIRAS E PARCEIRES” DE UMA APRENDIZAGEM ESTRATÉGICA COMO PRÁTICA DA LIBERDADE, como uma prática pedagógica problematizadora. PRECISAMOS CHAMAR A ATENÇÃO para a necessidade de se ir além da tarefa de transmitir conhecimentos, identificar problemas ou criar situações de apropriação passiva de saberes. Urge questionar os fundamentos, as finalidades das práticas educativas e dos conteúdos curriculares que são privilegiados ou não: aqueles que podem entrar e ser avaliados como condição de aprovação e os que ficam do lado de fora da sala de aula e dos projetos educacionais. Como pessoas fazem a escola, suas vidas: pensares, sentires e fazeres atravessam os muros da instituição e têm ingerência nas ações cotidianas que no chão da escola se concretizam e assumem diferentes manifestações de aproximação, criatividade, resistência, agressividade, violência. As vidas das pessoas colore o cotidiano escolar que foge ao controle e aos mecanismos de regulação autorizados.

A nossa responsabilidade é garantir a apreensão e apropriação críticas de conhecimentos socialmente construídos pela humanidade e identificar as suas gêneses e finalidades históricas, sociais e culturais. Isto significa tornar a docência inseparável de um projeto ético emancipador, cujo caráter problematizador é indissociável da sua própria existência (FREIRE, 2000d e ALBUQUERQUE, 2013, 2021).

Na visão de Buarque (2000, p.111) “Nenhum país reflete tão bem a crise do processo civilizatório quanto o Brasil”. Ele insiste no fato de que ao mesmo tempo em que temos todos os problemas, temos também o potencial para resolvê-los. Enfatiza que o Brasil já dispõe de uma massa crítica de intelectuais – acadêmicos, pensadores, profissionais da Educação dentro e fora de sala de aula e educadores que se tornam em seus exercícios da profissão, pois sabem dialogar e superar o autoritarismo estrutural e os desvios éticos conjunturais e construir novas relações dialógicas. Todos, todas e todes capazes de gerar soluções alternativas e de criar um “novo projeto para o país”.

### **ESPERANÇAR É SONHAR, OUSAR, MOVER, TRANSFORMAR REALIDADES (RE) CRIAR; VIVER O PARTO DA LIBERTAÇÃO.**

Os novos modos de produção e de organização exigem a unificação entre o pensar e o fazer. Exige-se que o trabalhador/profissional assuma cada vez mais sua dimensão de cidadania, ampliando-se os seus espaços de participação nas esferas social, política e produtiva.

Todas as instituições sociais, em especial as de formação e trabalhadores em Educação, são chamadas a rever seus papéis e finalidades. É neste cenário que a formação docente precisa ser revista nos seus fundamentos e suas práticas.

- **A formação de professores: princípios à luz de Paulo Freire.**

A questão da formação de professores(as) para Paulo Freire está presente em várias de suas obras. O professor e a professora como educadores (as) têm uma relevância na formação plena de cada criança, jovem, pessoas adultas e idosas e nos movimentos de resistência ativa e transformação social em diferentes territórios. Freire (2000c) apresenta princípios para se compreender programas e processos de formação de educadores (as) e orientar o exercício docente comprometido com a ética universal do ser humano (Freire, 2007) com a Educação para a qualidade social, substantivamente democrática.

Paulo Freire, no período em que foi gestor da Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo (1989-1991) constituiu uma equipe multidisciplinar, para organizar um programa arrojado de formação de educadores (as). Os seis princípios básicos que embasaram esse programa de formação de educadores (as) e que continuam bem atuais são:

- **O educador é o sujeito de sua prática, cumprindo a ele criá-la e recriá-la;**
- **A formação do educador deve instrumentalizá-lo para que ele crie e recrie a sua prática através da reflexão sobre o seu cotidiano;**
- **A formação do educador deve ser constante, sistematizada, porque a prática se faz e se refaz;**
- **A prática pedagógica requer a compreensão da própria gênese do conhecimento, ou seja, de como se dá o processo de conhecer;**

- **O programa de formação de educadores é condição para o processo de reorientação curricular da escola;**
- **O Programa de Formação de Educadores terá como eixos básicos: a fisionomia da escola que se quer, enquanto horizonte da nova proposta pedagógica; a necessidade de suprir elementos de formação básica aos educadores nas diferentes áreas do conhecimento humano; a apropriação, pelos educadores, dos avanços científicos do conhecimento humano que possam contribuir para a qualidade da escola que se quer (FREIRE, 2000 c, p.80).**

A assunção desses princípios pode abrir caminhos à compreensão do processo de formação de professores (as), como movimento dialético de reflexão-ação-reflexão ampliada, possibilitando um novo tratamento da informação e uma nova convivência entre os sujeitos. Podemos criar assim espaços institucionais dialógicos de convivência aberta, franca e de confiança, em que os docentes possam demonstrar o seu desejo de tornar transparente o seu fazer educativo e a determinação em estar abertos a novas aprendizagens. Esses espaços reflexivos são férteis para aprendizagens coletivas, porque são *locus* identitários em que cada docente pode se aproximar de seus pares como parceiro (a) (e) do ato educativo e se disponibilizar a rever suas práticas, ressignificá-las, transformá-las e construir inovações pedagógicas. Paulo Freire explica que é necessário avaliar a prática. A avaliação está para a prática, assim como as chuvas estão para a agricultura e as águas para os peixes. Avaliar-nos e avaliar a escola são ações

obrigatórias em processos dialógicos de ensinar e aprender; precisamos (re)criá-la para não provocar medos e resistências. Precisamos refletir sobre qual tipo de avaliação pode orientar novas trilhas emancipatórias e rejeitar qualquer ato avaliativo desumano, castrador e excludente.

O diálogo é práxis. A palavra é práxis. Os espaços para a pronúncia da palavra precisam ser garantidos. O diálogo como ponto de chegada e como método; diálogo sobre a própria existência da instituição com os sujeitos que a produzem cotidianamente; diálogo com a história: passado, presente e futuro; diálogo que se transforma em ação educativa para construir a qualidade institucional. São ensinamentos freireanos que precisam ser concretizados nas nossas ações docentes.

Através do diálogo os seres humanos pronunciam o mundo, são capazes de transformá-lo e ao se tornarem sujeitos da construção do novo projeto social- substantivamente democrático- humanizam-se, emancipam-se e contribuem com a humanização de todos e de todas.

O diálogo consubstancia-se em uma relação muito mais complexa e profunda entre sujeitos humanos, historicamente situados. Há intencionalidade, há compromisso de se estabelecer um vínculo humanitário com o outro; há respeito pela diferença e investimento na sua autonomia e emancipação. Garante-se a abertura a novas visões, investe-se no multiculturalismo não como retórica, mas como práxis; garante-se o direito à pronúncia do mundo e ao anúncio de novas direções; exercita-se a criticidade, a (re)criação coletiva; o diálogo é um exercício cotidiano de autonomia. É nesse

sentido, que diálogo e autonomia qualificam a participação social dentro e fora da instituição de ensino superior.

Com Paulo Freire, aprendemos dois outros conceitos muito necessários à construção da nossa escola pública cidadã para a qualidade social, substantivamente democrática. São eles: CONSCIENTIZAÇÃO E INÉDITO VIÁVEL.

O conceito de conscientização faz parte do próprio amadurecimento de Paulo Freire como educador militante e intelectual que não apenas pensa ideias, mas principalmente, pensa a existência. Passados 20 anos de muito estudo e atenção às críticas ao uso desse termo, Paulo Freire revê o seu caminhar e reconhece a validade de muitas críticas, em especial ao problematizar o próprio conceito no livro "Conscientização" e "Pedagogia da Esperança". Ele cada vez mais procura revisitar e (re)construir esse conceito, focando-o como processo coletivo de formação de consciências críticas de si e de mundo. Reafirma que é necessária "a tomada de consciência" de situações e problemas, mas que nem toda "tomada de consciência" é conscientização, mesmo que essa seja necessária a esse processo educativo emancipador. Afirma que "a conscientização é o aprofundamento da tomada de consciência. Não há conscientização sem a tomada de consciência, mas nem toda tomada de consciência se alonga obrigatoriamente em conscientização" (Freire, 2007, p. 112). A conscientização é um processo pedagógico por excelência: conhecimento de si no mundo, com os outros seres, reconhecimento da situação de opressão, sentimento de pertinência, reconhecimento da relação



dialética ser-mundo, ser no mundo e mundo no ser. É fruto de um trabalho de imersão na realidade, de emersão crítica e de transformação libertadora. Ele enfatiza que trabalhar em uma postura conscientizadora é procurar com rigor, com humildade, sem arrogância dos sectários demasiadamente certos de suas certezas universais, desocultar as verdades escondidas pelas ideologias tão mais vivas quando delas se diz que estão mortas. A conscientização, pois, exige uma rigorosa compreensão da realidade e das situações-limite. É no encontro de seres humanos imersos no processo de conscientização que há possibilidade da construção de inéditos viáveis que só se realizam na práxis. “A concretização do inédito viável que demanda a superação das situações totalizantes – condição concreta em que estamos, independentemente de nossa consciência – só se verifica, porém, através da práxis”, destaca Freire em seu livro “Conscientização” (FREIRE, 1979).

Não bastam apenas intenções. Elas são importantes para a criação coletiva de estratégias de imersão e emersão crítica para a transformação.



## DIÁLOGOS PROMISSORES

Um olhar para as vivências de professores e professoras em uma caminhada para romper com ideologias e conhecimentos conservadores e construir o conhecimento emancipação como nos ensina Boaventura de Souza Santos (2000).



## Lições da prática docente:

De repente todo mundo fala em democracia, em autonomia. Todos dizem que devemos lutar pela democracia. Será que democracia e autonomia são a mesma coisa?

Que eu saiba, democracia é aquilo que está escrito no artigo 1º da Constituição:



**“TODO O PODER EMANA DO POVO, QUE EXERCE  
POR MEIO DE REPRESENTANTES ELEITOS OU  
DIRETAMENTE, NOS TERMOS DESTA  
CONSTITUIÇÃO.”**

A gente vive a democracia quando vota, quando participa do processo eleitoral. Na Constituição está escrito ainda:

**“A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:**

**I- A soberania;**

**II- A cidadania;**

**III- A dignidade da pessoa humana;**

**IV- Os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;**

**V- O pluralismo político”.**



Todas essas coisas estão escritas na Constituição, mas vivemos a soberania? A cidadania? Temos dignidade? Nossos valores sociais são respeitados? Existe democracia?



Precisamos pensar nas coisas que falamos. Refletir sobre o dia a dia da nossa vida. Olhar em nossa volta e enxergar o que está acontecendo de verdade. Não ficar dizendo as coisas porque os outros dizem ou a televisão e as redes sociais nos passam. Enfrentar as questões, os problemas e buscar o que se esconde por trás do que muitos pensam ser a verdade. Quais os verdadeiros interesses? A quem vai beneficiar?

Precisamos refletir, analisar, discutir, propor e lutar, pois os desafios que nos cercam também já estão dentro de nós e se quisermos fazer as coisas sozinhos (as) (es), porque seremos dirigidos (as) (es)

e chefiados (as) (es) por pessoas que nem conhecemos e que não terão a mínima consideração conosco.

O ser humano é capaz de pensar. O seu pensamento, as suas ideias podem ajudá-lo a compreender o mundo que o cerca. As coisas que estão em seu pensamento podem ter acontecido na realidade ou ser fruto de sua imaginação. Para distinguir o que de fato existe daquilo que dizem ser a verdade é preciso interpretar as informações, o mundo.

Não podemos aceitar como REALIDADE as coisas que uns poucos escreveram em nosso nome na Constituição como se essas coisas, pelo fato de estar ali escritas, fossem os NOSSOS VERDADEIROS DIREITOS.

Uma coisa passa a ser **nossa** QUANDO AJUDAMOS A CONSTRUI-LA, LUTAMOS PARA CONSEGUI-LA, CONSERVÁ-LA, AMPLIÁ-LA, SOCIALIZÁ-LA.

### **Conquistar a democracia significa lutar pelos direitos de:**

- **Compreender o que se passa à nossa volta;**
- **Poder opinar sem ser punido (a) (e);**
- **Ter acesso às informações, capacidade e possibilidade de interpretá-las;**
- **Aprender a falar para que todos (as) escutem e a silenciar para ouvir a voz dos(as) outros(as);**
- **Conviver socialmente, trabalhar em grupos, conversar muito, dialogar;**

- **Participar das decisões.**

A participação coletiva e a realização de uma organização popular implicam na exigência de que as decisões sejam tomadas pelo grupo e cumpridas com disciplina e fidelidade ao próprio grupo.

### **ISTO É DEMOCRACIA?**

Em parte, mas não é tudo.

**Por exemplo, a convivência democrática também garante:**

- **O respeito às diferenças ideológicas, sem se perder de vista o bem social;**
- **A socialização do poder;**
- **A divisão de responsabilidades;**
- **A manutenção de um espaço aberto ao diálogo, à crítica, ao debate, à elaboração de planos de ação;**
- **A evidência (ou transparência) de opiniões e de propostas, derrubando-se as mentiras, as máscaras, desvelando-se o jogo de relações sociais;**
- **A própria humanização da pessoa que se vê no dia a dia usurpada de seu direito à Saúde, Habitação,**

**Por exemplo, a convivência democrática também garante:**

- **O respeito às diferenças ideológicas, sem se perder de vista o bem social;**
- **A socialização do poder;**
- **A divisão de responsabilidades;**
- **A manutenção de um espaço aberto ao diálogo, à crítica, ao debate, à elaboração de planos de ação;**
- **A evidência (ou transparência) de opiniões e de propostas, derrubando-se as mentiras, as máscaras, desvelando-se o jogo de relações sociais;**
- **A própria humanização da pessoa que se vê no dia a dia usurpada de seu direito à Saúde, Habitação, Transporte, Educação: de sua dignidade cidadã.**

A luta pela democratização da sociedade significa a luta coletiva do povo brasileiro pela conquista das condições materiais, sociais, políticas e culturais que GARANTAM a verdadeira participação em uma perspectiva de democracia emancipatória.





Às vezes, escutamos essas  
falas no dia a dia:



Que droga!  
Este ônibus não chega.  
Vou me atrasar de novo.



O chefe não perdoa.  
Chegou atrasado,  
lasca falta.



Eu sei que tenho meus  
direitos assegurados na  
Constituição.



Nada podemos fazer.  
Os que comandam controlam  
nossas vidas.  
Precisamos ser submissos  
para sobreviver.



Os homens e  
as mulheres do poder não  
vão fazer sujeira comigo.  
Eles (as) estão lá porque  
nós votamos neles (as).



Às vezes, escutamos também:

Cara, você não pode ser  
tão ingênuo deste jeito.  
Falar em **DEMOCRACIA** não  
é **VIVER A DEMOCRACIA**.  
Olhe à nossa volta.



Você consegue perceber  
como o Brasil está?  
Milhões e milhões  
morrendo de fome.



*Milhões e milhões analfabetos (as),  
ou que engolem como verdade qualquer  
besteira, porque não são capazes de distinguir  
as coisas. Quantos trabalham e não podem ter  
um pouco daquilo que produzem!*

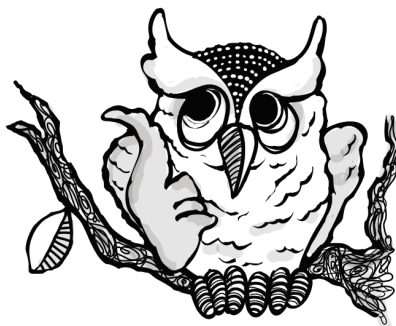


*Não têm moradia, Educação pública  
de qualidade, assistência à saúde é precária e  
não são considerados (as)(es) seres humanos  
que têm direito à produção de uma existência  
humana digna, fraterna e justa.*





A luta pela igualdade e justiça social não acontece sem estudo, compreensão da realidade e da apropriação crítica de conhecimentos emancipadores. Esse bom combate depende da constituição de um coletivo forte e disposto a vivenciar um processo de educação libertador; só vai acontecer quando o povo entender que é ele que constrói a história, que são pessoas que produzem situações opressoras ou estratégias de libertação. Pessoa concretas, situadas, envolvidas na prática social. Se uns poucos dirigem e dominam é porque muitos cederam os seus espaços e direitos de vez e de voz, muitas vezes envolvidos em "Barganhas diabólicas", outras vezes envolvidos (as) (es) ingenuamente em promessas vazias, com força reguladora de corações e mentes. São as PESSOAS que agem, criam, constroem e destroem PESSOAS. Assumem ou tomam o poder para a dominação social e cultural.



## PENSEMOS JUNTAS, JUNTES E JUNTOS

Somos gente. Homens, mulheres, LGBTQIA+, oriundos de diferentes comunidades e ancestralidades; A diversidade nos constitui e a humanidade nos identifica. De seres humanos inconclusos, incompletos e inacabados, podemos vivenciar relações educativas dialógicas e emancipatórias que possibilitem o reconhecimento histórico, social e cultural, que somos sujeitos humanos capazes de SER-MAIS. Construimos a história pelo nosso trabalho. O trabalho cria a riqueza da sociedade. Por que o que eu produzo está nas mãos das outras pessoas e eu estou sempre de mãos vazias?

Sabemos que os bens produzidos, na maioria das vezes não retornam para quem produziu. As próprias condições materiais e concretas vão produzindo a desumanização da pessoa. É verdade, também, que esta realidade permite tornar evidentes as diferenças, as opressões, a injustiça na distribuição de renda, de poderes, de direitos...

É pelo processo coletivo de conscientização que aprendemos:

- **O ser humano é capaz de produzir, de criar e transformar a natureza e a sociedade;**
- **São as ações humanas que ajudam a pessoa a ser cada vez mais humana, mais respeitada- SER FELIZ;**

- São as experiências coletivas, os encontros dialógicos, amorosos, plenos de generosidade e compaixão, que dão visibilidade ao nosso direito de ter uma vida humana digna, que movem a nossa coragem para concretizar o Bom combate por uma sociedade democrática, inclusiva e antirracista;
- São, também, as ações humanas que podem destruir a pessoa e escravizar a sociedade;
- Somos humanos, portanto, capazes de avaliar o mundo e nesse processo reflexivo nos tornamos capazes de avaliar a nossa própria existência no mundo e ousar no coletivo transformá-lo para a libertação.

*En nós, que tipo de  
professores e professoras,  
trabalhadores (as) da educação  
somos?*



*Somos educadoras e educadores  
na e para a liberdade, ou mascaramos as  
nossas atitudes e continuamos a comungar  
com as ideologias opressoras disfarçadas  
em projetos que cuidam da família, do  
povo, sob iluminação divina?*



Com certeza, se pensarmos em uma sociedade democrática da qual a Educação/escola é parte visceral dessa, defendemos as manifestações religiosas que demonstrem cuidado com a vida humana, desejamos que todas as expressões oriundas das nossas ancestralidades nos iluminem e possam fortalecer a nossa coragem para amar, identificar as transgressões éticas e combatê-las com determinação, coragem e vigor, que só construímos no coletivo. Desejamos que as famílias estejam conosco na escola e que ajudem a formação plena de seus filhos, filhas e filhas, a sua própria formação e sejam felizes com as graças de todos, todas e todos deuses do universo. Trabalhamos incansavelmente para que todas as crianças, todos os (as) jovens e pessoas adultas e idosas tenham direito a uma Educação emancipatória durante toda a vida, mas jamais em nome de todas essas propostas faremos barganha diabólica para termos adesão aos nossos projetos de Educação e de Brasil.

O nosso compromisso é maior, muito maior, pois somos trabalhadores (as) que devem assumir a Educação com o pensamento, o coração, a vontade, com mãos corajosas para lutar por uma escola de qualidade socialmente referenciada, onde a conquista da democracia e da justiça social seja uma meta permanente. E isso só poderá ser construído em espaços de liberdade.

Quer dizer que são os (as) trabalhadores (as) em Educação que definem a qualidade da escola? O que a escola faz para a democracia e a cidadania?





### RELATOS INSTIGANTES E REFLEXÕES

*Enós, que trabalhamos com a merenda ou com a limpeza, também escutamos muitas histórias dos (as) estudantes.*



*Muitos (as) têm como única refeição a merenda da escola, que é tão precária. Falta dignidade até na hora de usar o banheiro, que em muitas escolas é quebrado, faltando água, sabão e material de limpeza.*



A gente faz o  
que pode, mas é  
sempre  
insuficiente.



É por isso, e por muito mais,  
que resolvi me filiar ao  
sindicato.



A luta coletiva é muito importante e é  
um direito constitucional. Juntos (as)  
nos fortalecemos e nos protegemos de  
perseguições. Lá aprendo e ensino sobre  
direitos e conquistas.





As relações sociais que configuram a sociedade capitalista favorecem as disparidades entre as pessoas, as injustiças, a pauperização do povo, o descompromisso, a ignorância de uns, manipulada pela sabedoria de outros.



### **É PRECISO NOS EDUCARMOS PARA A OUVIRTUDE.**

Paulo Freire, em diálogo com Frei Betto, interroga-nos: Quem estará comigo na hora do tombo, nos enfrentamentos, nas dificuldades? A resposta é desafiadora: só estará ao meu lado quem participou comigo de uma relação dialógica, amorosa, plena de intenso amor à gente, a todas as gentes, quem aprendeu a não pensar em si "como dono do mundo" ou senhor da verdade absoluta. Só estará do meu lado quem aprendeu o sentido pleno da amizade, da fidelidade e viveu comigo experiências vicárias. Além de estar a meu lado, a pessoa que foi amada e respeitada estará ao lado de

muitas outras pessoas e saberá cuidar da vida de seres humanos e não humanos.

Temos obrigação, como educadores e educadoras que se inspiram na vida e obra de Paulo Freire, e de muitos educadores e educadoras dialógicos (as) (es), de criar situações para que os afetos, a amorosidade dê um novo colorido de motivação para exercitarmos a curiosidade epistemológica e a rigorosidade metódica, com criticidade, para construir um mundo em que seja menos difícil amar, como nos ensina Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*, de estudar o mundo e tudo que nele existe.

Quer dizer que a miséria que está na sociedade está na escola também? Se a gente ficar só resmungando, sofrendo, chorando, adoecendo, como vai sair dessa?

### ALGUMAS ESCUTAS



- Isso é verdade. Precisamos tomar conhecimento da situação e fortalecer um grupo reflexivo; podemos fortalecer coletivos políticos e pedagógicos, valorizando as manifestações culturais locais e resistir às massificações.

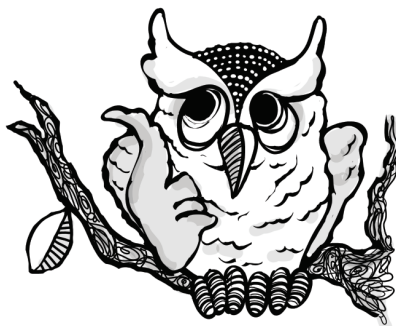
Entre essas organizações salientamos o papel do SINPROJA, que está nesse bom combate com os (as) trabalhadores (as) e cada um (uma) de nós pode agregar valor democrático a essa luta. Para isso, precisamos fortalecê-lo filiando-nos e tendo uma participação ativa, arrojada e crítica. O sindicato terá “a nossa cara”, “a cara da escola substantivamente democrática” se estivermos nele e com ele.



Ao nosso lado, estão também as organizações não governamentais, os movimentos populares, os sindicatos progressistas e muita gente que deseja viver uma Educação substantivamente democrática em um país livre, fraterno, solidário e justo.



Se você pensa que deveria haver harmonia na escola, nos sindicatos, entre outras instituições, será ingenuidade. Os enfrentamentos, os debates, os diálogos críticos são necessários para se ir além de pensar ideias, pensar a nossa existência no



mundo e construir projetos emancipadores. A escola é um terreno contestado; ela expressa um jogo de interesses entre forças conservadoras e progressistas. Faz parte da de-



mocracia essa convivência com a diversidade. O que não se pode permitir são mentiras, desqualificação, desrespeito e invasão à dignidade humana; somos radicalmente contra a qualquer tipo de discriminação e preconceitos de raça, religião, etnias, entre outros similares.

A escola precisa ser questionada sobre as suas contribuições ao estado de direito, à democracia autêntica, à cidadania emancipatória em todas as dimensões da vida humana e do próprio país.

É importante construirmos uma visão crítica de qual projeto de Brasil, qual a Educação necessária ao Estado democrático de direito. Precisamos nos assumir como protagonistas, sujeitos históricos sociais e culturais nesse processo de transformação libertadora e questionar: que pessoa precisamos ser e que mudanças precisam ocorrer para concretizar o nosso projeto social.

A Educação escolar de natureza pública e popular deve investir na formação plena e emancipatória de crianças, jovens e de pessoas adultas e idosas. A Educação escolar pode interferir no grau de compreensão que estudantes, pais, mães e funcionários (as) têm da própria realidade e da sua existência no mundo.

O significado político da escola já está expresso na Constituição Brasileira:

- I. Igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola;**
- II. Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;**
- III. Gestão democrática do ensino público, na forma da lei;**

#### **IV. Garantia de padrão de qualidade.**

O significado político da escolarização é, precisamente, garantir o acesso e a permanência, na escola, de crianças e jovens brasileiros (as), assegurando-lhes a transmissão e criação da cultura para obter as condições necessárias ao pleno exercício dos direitos de cidadania. A democratização do ensino reúne, assim, muitas ações de caráter político-pedagógico que penetram o cotidiano da escola e alcançam lutas sociais mais amplas junto à associação de moradores, sindicatos, empresas, igrejas, Secretarias de Educação, vereadores (as), prefeitos (as), deputados (as), presidentes....

As garantias constitucionais são fundamentais para a democracia. Porém, elas só serão realizadas e observadas na vida das pessoas se todas lutarem por mecanismos e estratégias de concretude desses princípios na prática social, no dia a dia de todas, todos e todes sujeitos humanos, na prática social cotidiana.

O próprio significado da escola passa por aí. Se não lutarmos por definir políticas educacionais que valorizem o conhecimento, os (as) trabalhadores (as) em Educação, os (as) estudantes, a Educação e não conquistarmos a direção dos mecanismos que realizem essas políticas, tudo fica apenas na Constituição, sem prática.

**Devemos transformar as conquistas constitucionais em direitos civis, em práxis social emancipatória.**



Quer dizer que a eleição para diretores(as) tem um significado político de democracia para a escola?

Fala-se muito em democracia em época de eleições.

É importante colocar nossos representantes no executivo e no legislativo para que defendam os nossos interesses.



Precisamos ocupar outros espaços, inclusive na direção da escola.

Mas não é suficiente.

No entanto, o que garante a democracia escolar é a participação de estudantes, professores (as), pais, mães e funcionários (as) no encaminhamento das discussões e da tomada de decisões na escola.

Os (as) diretores (as) eleitos (as) assumem compromissos com os (as) eleitores (as), por isso tendem a facilitar a prática da democracia, sem falar que o mandato garante sua função, sem depender de troca de favores com o poder executivo.

Não são as lideranças do povo que fazem a democracia: democracia é conquista que se fará pelas nossas cabeças, nossas vontades, nossos corações, nossas mãos, nossos conhecimentos e consciências de classe trabalhadora- pela mobilização organizada de todos nós, brasileiros e brasileiras. Uma luta coletiva pela autonomia do povo, pelo direito de SER CIDADÃO E CIDADÃ.

Com certeza construiremos em Jaboatão dos Guararapes uma bela proposta e colocaremos nossos esforços, estudos e ações para que a Educação/escola substantivamente democrática seja uma realidade no nosso município e que isso seja exemplo para outros territórios de Pernambuco e do Brasil.

A nossa meta, como brasileiros (as) (es), é resistir, trabalhar os medos e as angústias, superar os condicionamentos, (re)criar estratégias emancipatórias. Precisamos ousar vivificar a luta por uma sociedade em que seja menos difícil amar, em que o povo ocupe as ruas, as praças e marche para a liberdade; que as pessoas não permitam jamais que as elites tripudiam delas, de comunidades e organizações progressistas; há necessidade de que pouco a pouco parcela das populações possam ir reconquistando a sua autonomia e/ou conquistando-a passo a passo; que possamos reavivar a coragem, a amorosidade que cria laços e fortalece o coletivo e move a capacidade de luta e de ação. Nesse cenário, a

escola tem um papel determinante na democracia e participação popular. Nossos (as) (es) estudantes precisam aprender que não apenas os conhecimentos curriculares são essenciais, que as suas histórias de vida, as condições socioeconômicas da comunidade, do município, das micro e macro regiões, são tão importantes quanto aqueles legitimados pelas agências reguladoras e que na escola eles podem experienciar um ensino e uma aprendizagem dialógicos e se reconhecer como sujeitos capazes, sobretudo, de participar de uma Educação conscientizadora e assumir seu papel numa sociedade em transformação. Vamos juntas, juntas e juntos construir cada vez mais a escola democrática, em que filhos, filhas e filhos de trabalhadores e trabalhadoras e suas famílias, vençam o medo de ousar, de participar, lutando por uma vida melhor.

Na medida em que a nossa escola crie esse clima, essa realidade de participação ampla, poderemos formar gente brasileira para praticar a democracia no campo político, econômico, pedagógico e cultural nos mais diferentes espaços dentro e fora do nosso município.

**A ESCOLA VERDADEIRAMENTE DEMOCRÁTICA TEM UM CONSELHO ESCOLAR FORTE, GRÊMIO ESTUDANTIL LIVRE, E AÇÃO POLÍTICO-SINDICAL EFETIVA DOS (AS) TRABALHADORES (AS).**

A escola precisa organizar-se para a vivência democrática, para o engajamento de todas as pessoas, apesar das diferenças, a fim de conseguir a sua UNIDADE/ IDENTIDADE. Nenhuma democracia na escola se faz sem a participação também democrática de

estudantes, docentes, funcionários (as), bem como o engajamento autêntico das famílias. Paulo Freire (várias obras) e Licínio Lima (2000) enfatizam bem essa questão. Lima pontua a expressão Democracia Radical.

A maioria das escolas precisa (re)criar mecanismos e estratégias de aproximação de estudantes e educadores (as), suas famílias e com a comunidade escolar entre outras; trabalhar as metodologias ativas com apoio nas novas tecnologias, com criticidade e muita cautela. Essas devem contribuir para a humanização do ser humano e não o colocar a seu serviço, coisificando-o. A escola precisa trabalhar a história como possibilidade, problematizando os determinismos e condicionamentos que possibilitem a compreensão cultural e permitam entender as desigualdades sociais, explicitando as relações entre EDUCAÇÃO-TRABALHO-PODER. (FREIRE, 2000 a)

*"É esta trama de ciência e de trabalho na indústria moderna que cria a necessidade de uma ESCOLA que possibilite o acesso aos conteúdos do ensino às massas trabalhadoras. Deixar os trabalhadores à margem da dimensão intelectual do trabalho, ou seja, ignorante da ciência que cada ato mecânico possui, é uma forma de mantê-los afastados da possibilidade de transformação das próprias condições de trabalho, que lhes permita melhores condições de vida, ou seja, de usufruir dos benefícios do avanço científico e tecnológico". (PIMENTA, 1986)*

PARA QUE A ESCOLA CUMPRA A SUA FUNÇÃO de socializar o conhecimento e explicitar as relações entre Educação, trabalho e

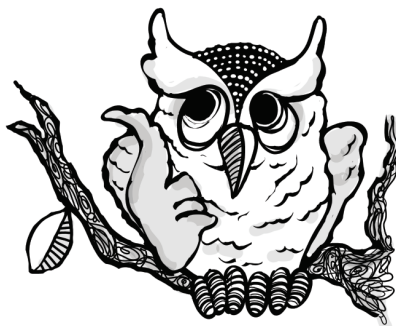
poder, torna-se necessária uma relação dialógica entre docentes e discentes e de todas as pessoas que fazem a escola: aprendizagens que se entrecruzam de amorosidade, confiança curiosidade epistemológica, rigorosidade metódica e metodológica, concepção interdisciplinar dos saberes, articulando os de experiência, feitos com os conteúdos curriculares: científicos, culturais, espirituais, em diálogo entre o senso comum e a consciência filosófica.

**É fundamental que docentes e discentes, em comunhão:**

- **aprendam a distinguir e utilizar os instrumentos de conquista da cidadania e suas origens;**
- **aprendam que são sujeitos historicamente situados na sociedade;**
- **compreendam-se como sujeitos na totalidade escolar e, portanto, acreditem no fazer cotidiano do próprio ensino do qual fazem parte e que os (as) professores (as) vivenciem o ensino da democracia, da cidadania, da representação, da autonomia, da cultura, do ser humano e da humanização em processo de libertação.**



Autonomia e liberdade estão inter-relacionadas. Em uma sociedade democrática, autonomia não se confunde com uma soma de propostas individuais, mas significa capacidade de, coletivamente, produzir uma proposta de trabalho e ser capaz de aplicá-la criticamente na construção da cidadania, sendo fiel aos princípios que a ancoraram.



A organização do trabalho escolar passa a ser fundamental na definição da própria escola, pois é a **MEDIAÇÃO** entre o trabalho docente e a prática social global que fundamenta o pensar emancipador. Participar organizando e organizar para participar é buscar a **REALIZAÇÃO DE UM PLANO DE TRABALHO COLETIVO**.

### **CONSTITUIÇÃO DO COLETIVO E REPRESENTAÇÃO**

Em muitas ocasiões, um coletivo não pode ocupar todos os espaços sociais, literalmente. Nesse momento é necessário eleger

as suas representações. O grau de autonomia de grupo em eleger os seus próprios representantes dependerá do grau de compreensão da realidade que estiver presente no interior deste grupo, na escola, na sociedade. Será a organização escolar que definirá limites e possibilidades da sua representação. Precisamos construir compromissos que consolidem a democracia na escola. Entre eles:

- **Criar grupos reflexivos para ampliar as reuniões de estudo e formação política e pedagógica;**
- **Ampliar as discussões sobre gestão democrática e estimular a participação ativa dos (as) docentes nos processos de escolha do (a) diretor (a) da escola e da (re)elaboração do projeto político-pedagógico;**
- **Reconhecer seu papel de protagonista na gestão e seus desdobramentos, exercendo uma constante vigilância ética, estando bem atento (a) para denunciar as transgressões éticas;**
- **Participar dos conselhos de classe com autêntica posição de educador (a) dialógico (a) e do Conselho Escolar, incentivando os demais segmentos da escola a ser presença marcante e dialógica também;**
- **Comprometer-se com relações sociais democráticas na escola;**

- **Elaborar coletivamente uma proposta educacional, para agir com autonomia, afirmar a cidadania e a democracia na escola;**
- **Incentivar e orientar os (as) educandos (as) a formar seus grêmios estudantis, entre outras atividades de formação político-pedagógica;**
- **Associar-se e fortalecer a atuação do seu sindicato de base.**

Nada melhor, nesse momento, de problematizarmos, no coletivo, as palavras pronunciadas por Paulo Freire no seu livro *Política e Educação* (2000a).



## **A ESCOLA SUBSTANTIVAMENTE DEMOCRÁTICA, pelo nosso mestre Paulo Freire**

“[...] substantivamente democrática, jamais separa do ensino dos conteúdos o desvelamento da realidade. É a que estimula a presença organizada das classes sociais populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no sentido da superação das injustiças sociais. É a que respeita os educandos, não importa qual seja sua posição de classe e, por isso mesmo, leva em consideração, seriamente, o seu saber de experiência feito, a partir do qual trabalha o conhecimento com rigor de aproximação aos objetos. É a que trabalha, incansavelmente, a boa qualidade do ensino, a que se esforça em intensificar os índices de aprovação através de rigoroso trabalho docente e não com *frouxidão assistencialista*, é a que capacita suas professoras e seus professores cientificamente à luz dos recentes achados em torno da aquisição da linguagem, do ensino da escrita e da leitura. Formação científica e clareza política de que as educadoras e os educadores precisam para superar desafios que, se não são experimentadas pela maioria, se acham presentes em minoria representativa. [...]. É a que, em lugar de negar a importância da presença dos pais, da comunidade, dos movimentos populares na escola, se aproxima dessas forças com as quais aprende para a elas poder ensinar também.” (FREIRE, 2000 , p. 101-102, grifos nossos).



Várias foram as aprendizagens freireanas que inspiraram este trabalho. Seguimos as pegadas de Paulo Freire através de algumas de suas obras: retomamos os conceitos de leitura crítica da realidade, de antagonismo entre os interesses do capital/do mercado e a ótica e direitos dos (as) excluídos (as)/ dos (as) condenados (as) da terra, do diálogo como mediação entre o homem, a mulher, as comunidades LGBTQIA+, os povos originários: indígenas, quilombolas, entre outros e o mundo; situamos a necessidade de compreender a Educação para a liberdade e da avaliação da prática como indispensável à reorientação curricular e ao aperfeiçoamento de ações democráticas; revisitamos várias obras de Paulo Freire em diálogo com autores e autoras críticos e críticas para reafirmar a necessidade da imersão cultural e da sua emergência crítica, reflexiva como necessidade fundamental da (re)criação de projetos educacionais para a transformação social; reconhecemos a "ética universal do ser humano" como uma das categorias fundantes do pensamento freireano e colocamos alguns malefícios da prática da ética de mercado em processos de humanização do ser humano.

Neste texto, apresentamos algumas certezas, muitas dúvidas e arriscamos oferecer proposições inspiradas em Paulo Freire para a melhoria dos processos educativos dialógicos, ancorados na construção de um projeto de Educação/escola democrática como motor da dialética de participação do projeto popular de um novo Brasil: mais ético, digno, fraterno, justo em caminho de uma democracia cidadã, inclusiva, antirracista e libertadora. Esperamos compartilhar as nossas reflexões teóricas e metodológicas para, de alguma forma, colaborar com a ressignificação de práticas educativas, em especial para a (re)criação da Educação/escola substantivamente democrática. Reconhecemos o limite de nossas reflexões, mas fazendo jus aos ensinamentos freireanos, colocamos as mesmas à crítica para ampliar o debate. Sabemos que quando produzimos um texto escrito ele é fruto de muitas interlocuções a partir do chão da escola ou em salas da academia e, ainda, das nossas mais íntimas indagações.

Cada leitor (a) fará a sua leitura, como também fizemos a nossa e a reescrevemos; que esse diálogo de aprendizagens ocupe o espaço educativo de formação cotidiana nas escolas, em especial do município de Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco- Brasil.

Esperamos que, ao ser lido e reescrito, expresse criticidade, criatividade, responsabilidade e determinação em agregar valor à aprendizagem coletiva da democracia em diferentes territórios sociais e culturais, dentro e fora da escola. Pensamos que, quanto mais o texto pertencer aos leitores e às leitoras, mais ele terá cumprido a sua função social, pois passa a ser um artefato coletivo.



ALBUQUERQUE, Targelia de Souza. **Paulo Freire: ontem e hoje: textos e contextos**. Recife: Prazer de Ler, 2013.

ALBUQUERQUE, Targelia de Souza (org). **Conversas com Paulo Freire – A beleza de ser um eterno e uma eterna aprendiz**. Recife: Prazer de Ler, 2021.

ALBUQUERQUE, Targelia de Souza. **Os pés nos quintais e os olhos no mundo. Um menino chamado Paulo Freire**. Recife: CEPE Editora, 2021.

ALBUQUERQUE et al. **Pensando a escola democrática**. Série Cadernos pedagógicos, v.1. Cascavel/PR: ASSOESTE Editora, 1991.

ARROYO, Miguel. "Paulo Freire e o projeto popular para o Brasil". In: SOUZA, Ana Inês (org.). **Paulo Freire: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

ARROYO, Miguel G. **O Ofício de mestre. Imagens e autoimagens**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O ardil da ordem: caminhos e armadilhas da educação popular**. Campinas: Papirus, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Prefácio. Hoje, tanto tempo depois. In: SOUZA, Maria Inês. **Paulo Freire: vida e obra**. São Paulo: Expressão popular, 2001.

BUARQUE, Cristóvam. "Os círculos dos Intelectuais" In: ROITTMAN, A (org.) **O Desafio Ético**. 2ed. Rio de Janeiro: Garammond, 2000.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação na Idade da Globalização e da Exclusão**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 2000d.

\_\_\_\_\_. **Cartas à Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000c.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

\_\_\_\_\_. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 2000(a).

\_\_\_\_\_. **A Educação na Cidade na Cidade**. São Paulo: Cortez, 2000b.

FREIRE, Paulo e BETTO, Frei. **Essa Escola Chamada Vida**. São Paulo: Ática, 2000.

FREIRE, Paulo e HORTON, Myles. **O Caminho se Faz Caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Conscientização, teoria e prática da libertação**. Cortez e editores associados, 1979.

GENTILI, Pablo. "A macdonaldização da escola: a propósito de consumindo o outro. In: COSTA, M. V. **Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo**. São Paulo: Cortez, 1996.

GOODSON, Ivor F. **As políticas de currículo e de escolarização**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

LIMA, Licínio C. **Organização escolar e democracia radical: Paulo Freire e a governança democrática da escola pública**. 2ª ed. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000.

SANTIAGO, Maria Eliete; SILVA, Delma; SILVA, Claudilene (orgs). **Educação. Escolarização e identidade NEGRA**: 10 anos de pesquisas sobre relações raciais na PPGE/ UFPE. Recife: Editora da UFPE, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SOUZA, Ana Inês. **Paulo Freire: vida e Obra**, 5 ed. São Paulo: Expressão Popular. 2020.

## **SINPROJA**

### **ALÔ SINPROJA**

Atendimento pelo WhatsApp  
Segunda a sexta, das 8h às 18h

**(81) 98151-2248**

**(81) 98159-3562**

### **LISTA DE TRANSMISSÃO**

(81) 99402-0299

Salve o contato na sua agenda e envie  
uma mensagem solicitando receber notícias do SINPROJA.

### **CENTRAL DE ATENDIMENTO**

**SEDE: Rua Alice Azevedo, 91, Centro, Jaboatão dos Guararapes/PE**

Segunda a sexta, das 8h às 18h

**(81) 99826-0118**

**(81) 99826-0119**

**SUBSEDE: Rua Arão Lins de Andrade, 711, Prazeres, Galeria Vip Point,  
sala 4, ao lado da Câmara Municipal**

Segundas e quintas, das 8h às 12h e das 13h às 17h

**(81) 3096-0460**

### **ACOMPANHE O SINPROJA**

[www.sinproja.com.br](http://www.sinproja.com.br)

Instagram: @sinproja\_jaboatao

Facebook: /sinproja

YouTube: /tvsinproja

Spotify: SINPROJACast



### **CENTRO PAULO FREIRE**

[www.centropaulofreire.com.br](http://www.centropaulofreire.com.br)

Endereço: Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/nº

– Centro de Educação da UFPE, Cidade

Universitária, Recife – PE

Instagram: @cpfreire\_pe





**“Precisamos contribuir para criar a escola  
que é aventura, que marcha, que não tem medo  
do risco, por isso recusa o imobilismo.  
A escola em que se pensa, em que se cria,  
em que se fala, em que se adivinha,  
a escola que apaixonadamente diz sim à vida.”**  
**Paulo Freire**



**SINPROJA**  
Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado de Pernambuco  
**FILIADO À CNE CUT**



CENTRO  
**PAULO FREIRE**  
ESTUDOS & PESQUISAS  
PERNAMBUCO BRASIL

ISBN: 978-65-87824-39-0

**CEL**



9 786587 824390